UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NATHALIA CHINAIA DE ALCÂNTARA

Socialização na modernidade: as mídias sociais e a constituição da subjetividade do adolescente

GOIÂNIA
2023

UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): NATHALIA CHINAIA DE ALCÂNTARA

Título do trabalho: Socialização na modernidade: as mídias sociais e a constituição da subjetividade do adolescente.

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;

- Submissão de artigo em revista científica;

- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Renata Leite Soares**, **Professor do Magistério Superior**, em 27/02/2023, às 09:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Nathália Chinaia De Alcantara**, **Discente**, em 27/02/2023, às 13:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A auten cidade deste documento pode ser conferida no site h ps://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3551416** e o código CRC **1DE33D54**.

NATHALIA CHINAIA DE ALCÂNTARA

Socialização na modernidade: as mídias sociais e a constituição da subjetividade do adolescente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Educação da UFG como requisito básico para a conclusão do Curso de Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Leite Soares

GOIÂNIA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Alcântara, Nathalia Chinaia de
Socialização na modernidade: as mídias sociais e a constituição da subjetividade do adolescente [manuscrito] / Nathalia Chinaia de Alcântara. - 2023.
LXX, 70 f.

Orientador: Prof. Dr. Renata Leite Soares.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Psicologia, Goiânia, 2023.
Bibliografia.

1. Adolescência. 2. Mídias. 3. Socialização. 4. Modernidade. I. Soares, Renata Leite, orient. II. Título.

CDU 159.

UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "Socialização na modernidade: as mídias sociais e a constituição da subjetividade do adolescente", de autoria de NATHALIA CHINAIA DE ALCÂNTARA, do curso de Psicologia da Faculdade de Educação/UFG. Os trabalhos foram instalados pela orientadora Profa. Dra. Renata Leite Soares da FE/UFG com a participação do membro da Banca Examinadora: Profa. Dra. Susie Amâncio Gonçalves de Roure da FE/UFG. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de dez (10,0), tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Renata Leite Soares**, **Professor do Magistério Superior**, em 27/02/2023, às 09:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Susie Amancio Goncalves De Roure**, **Professora do Magistério Superior**, em 27/02/2023, às 11:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Nathália Chinaia De Alcantara**, **Discente**, em 27/02/2023, às 13:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3551369** e o código CRC **B1B4A5EF**.

AGRADECIMENTOS

Ao longo do meu percurso até aqui foram diversas pessoas que me proporcionaram oportunidades, compartilharam seus conhecimentos comigo e me ensinaram sobre a vida e sobre a educação. Sem estas pessoas não seria quem sou e não teria as condições para realizar essa graduação. Algumas não se encontram mais neste mundo e outras não tenho mais contato, mas a elas o meu obrigado.

Agradeço à minha família, sobretudo minha mãe Lea que desde sempre me incentivou na leitura e na educação, e que apesar de todos os percalços da vida continuou possibilitando e incentivando os meus estudos e de meus irmãos. Agradeço ao meu pai Ubiraci por todas as vezes que me levou à escola e aos meus irmãos Raphael e Ana Carolina por cada apoio. À minha avó Eurides por todo seu carinho e acolhimento e à minha prima Katharyne por todo companheirismo.

Aos meus amigos Ian Badan, Júlia Moura, Luiza Rocha por me apoiarem e me acolherem em todos esses anos de amizade, por vezes escutando por mais de uma vez a mesma queixa, e sempre me fazerem rir e ter momentos de pura diversão.

Às minhas amigas de graduação Jhennifer Alquiman, Stefanny Dias, Nathalia Teles, Isadora Damaceno e Isadora Rodrigues por mostrarem que nada além de um bom café com bolo, carregado de risadas e fofoca, para tornar mais suportável cinco anos de um curso integral e por todos os momentos de trocas e aprendizados.

Ao meu namorado Lucas Bauer por sempre se fazer presente e me amparar diante das minhas dificuldades e por todas as vezes que acreditou em mim quando eu não era capaz.

Aos meus fiéis companheiros passarinhos Eva, Rosinha, Paçoca, Sky e Joy por servirem de fonte de serotonina durante momentos de estresse e cansaço.

E agradeço à minha orientadora, professora e doutora Renata Leite Soares, por cada troca ao longo da elaboração e escrita deste trabalho que foram fundamentais para minha formação enquanto psicóloga e ser humano.

Obrigada!

RESUMO

Na contemporaneidade a mídia está presente nos diversos âmbitos da vida dos indivíduos e por muitas vezes em um grande período de tempo, tornando-se por vez espaço de lazer e trabalho. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, os adolescentes representam uma grande parcela de usuários de internet, e os efeitos que o uso excessivo desses meios podem acarretar na vida dos adolescentes tangenciam tanto a dimensão cognitiva quanto afetivas e sociais. Assim, este trabalho pretende discutir a relação das mídias sociais e a constituição da subjetividade do adolescente no que tange aos processos de socialização na contemporaneidade. Para atingir tal objetivo, este trabalho parte de um levantamento bibliográfico de teóricos clássicos da teoria crítica e autores contemporâneos de viés psicanalítico. A partir da investigação realizada foi possível observar que a adolescência possui intrínseca relação com o contexto histórico social, tratando-se de um conceito moderno e um período que exige um enorme trabalho psíquico de busca de um espaço no laço social e construção da imagem devido às diversas mudanças físicas, sociais e psicológicas. As instâncias de socialização nas quais se encontra, na contemporaneidade, estão atravessadas pela lógica instrumental e mercadológica que atravessa a sociedade moderna enquanto também se transformam em seu desenvolvimento. As transformações socioculturais e os avanços tecnológicos no campo industrial, permitiram a produção e reprodução em larga escala de diversos produtos como, por exemplo, a cultura, que tornando-se mercadoria, passa a ganhar notoriedade na vida dos sujeitos através das mídias, vendendo e ditando necessidades e objetos de satisfação dos indivíduos. Portanto, na sociedade contemporânea as mídias passam a ocupar o espaço público através das imagens espetaculares que vendem ideais de vida e sonhos além dos produtos em si que se encontram permeados pela lógica mercadológica e neoliberal. Assim, a mídia se constitui um lócus de socialização que passa a fomentar os ditames de consumo, liberdade e independência que também estão presentes nas primeiras instâncias de socialização, a família e a escola; sendo estes os discursos que o adolescente encontra para guiá-lo no laço social buscando a constituição da imagem de si.

Palavras chaves: Adolescência. Mídias. Socialização. Modernidade.

ABSTRACT

In contemporary times the media is present in several scopes of people's lives and for several times over a long period of time, becoming a space for leisure and work. According to Brazilian Institute of Geography and Statistics, the teenagers represents a big part of internet users, and the effects that excessive use of these media can have on adolescents' lives touch both the cognitive dimension and the affective and social. Thus, this work aims to discuss the relationship between social media and the constitution of adolescent subjectivity with regard to socialization processes in contemporary times. To achieve this objective, this paper stem from a bibliographic survey of classical theorists of critical theory and contemporary authors of a psychoanalytic bias. From the investigation accomplished it was possible to observe that adolescence has an intrinsic relationship with social historic context, being a modern concept and a period that requires an enormous psychic work in the search of a space in the social bond and image construction due to the various physical, social and psychological changes. The agents of socialization in which it is found, in contemporary times, are crossed by instrumental and marketing logic that crosses modern society while also being transformed in its development. The sociocultural's changes and techs advances in industrial field, allowed large scale production and reproduction of many products, as exemple, the culture, that becoming a merchandise, starts to gain notoriety in subjects lives through the media, selling and dictating individuals needs and satisfaction objects. Therefore, in contemporary society the social media begins to occupy public space through spectacular images that sells life's ideals and dreams aside from the products themselves that are pervaded by neoliberal and marketing logic.Thus, the media constitutes a locus of socialization that starts to instigated the dictates of consumption, freedom and independence that are also present in the first agents of socialization, the family and the school; being these speeches that the teenager finds to guide him in the social bond looking for the constitution of the image of himself.

Keywords: Adolescence. Media. Socialization. Modernity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 11

2 CAPÍTULO I- AS INSTÂNCIAS DE SOCIALIZAÇÃO NA MODERNIDADE: A FAMÍLIA E A ESCOLA..... 14

3 CAPÍTULO II- CONSTITUIÇÃO DA MÍDIA COMO INSTÂNCIA DE SOCIALIZAÇÃO 29

4 CAPÍTULO III- ADOLESCÊNCIA E MÍDIAS: REPERCUSSÕES NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO ADOLESCENTE..... 48

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 64

6 REFERÊNCIAS..... 68

INTRODUÇÃO

Na atualidade as mídias sociais possuem um papel de destaque nos diferentes âmbitos da vida social, estando presentes desde momentos de lazer ao lócus de trabalho. Tal repercussão parte dos avanços tecnológicos no campo da indústria que permitiram a criação de aparelhos eletrônicos portáteis, como também advém de um processo de globalização e surgimento da internet. Deste modo, a maneira pela qual os indivíduos compartilham, transmitem e apropriam determinados conteúdos passa a abarcar tais meios digitais seja através de redes sociais, *sites*, rádio, televisão dentre outros, que também se transformam em espaços para estabelecer e manter relações afetivas e sociais haja a vista a imensidão de meios de comunicação e interação que apresenta. Esses meios se transformam em possibilidade de diversão ao mesmo tempo que fornecem o acesso à informação a qualquer instante de maneira rápida e fácil, podendo por vezes causar dependência.

No mais, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2008, 56 milhões de usuários acessaram a internet no Brasil, sendo que a maior parcela é da faixa etária de 10 a 24 anos de idade (ROSADO, JAGER e DIAS, 2014). Essa faixa etária é constituída por adolescentes e jovens adultos que segundo a Organização Pan-Americana de Saúde e Fiocruz apresentam altos índices de depressão e de tentativas de suicídio, sendo esta a terceira maior causa de morte desse grupo.

De acordo com diversos autores e organizações internacionais de saúde, o uso excessivo de telas pode acarretar efeitos nas dimensões cognitivas, afetivas e sociais dos adolescentes ao estarem expostos a um grande número de informações e imagens simultaneamente que podem prejudicar a atenção e alterar a percepção do tempo, de modo que até mesmo o curso do pensamento pode ser alterado (SOARES e CÂMARA, 2016). Além disso, pode haver dificuldade na nomeação de emoções que são reduzidas aos *emojis* nas redes sociais que também podem levar a diminuição da interação física e comprometer as habilidades sociais. No mais, o mal uso dessas mídias podem acarretar em prejuízos funcionais como isolamento, agressividade, sintomas depressivos, comportamentos antissociais, baixa resistência a frustração, distúrbios alimentares, e até mesmo diagnósticos tais como Transtorno do Espectro Autista e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade errôneos (SOARES e CÂMARA, 2016; JERUSALINKSY, 2017).

Deste modo, tendo em vista que a adolescência é um período marcado por transformações biológicas e psicossociais que exigem desse jovem a reconstrução da imagem de si mesmo, sendo um momento de redescobertas muitas vezes atravessado por inseguranças, confusão, angústias e incompreensão frente às relações com amigos, colegas e a família, o presente trabalho parte do seguinte questionamento: qual o possível lugar da mídia na constituição da subjetividade na adolescência. Assim pretende-se discutir qual a relação das mídias sociais e a constituição da subjetividade do adolescente no que tange aos processos de socialização na contemporaneidade através da compreensão dos processos de socialização na modernidade, das mudanças sociais frente a cultural digital, a identificação dos aspectos psíquicos da adolescência e os impactos dessas mídias na constituição da subjetividade do adolescente.

Destarte, este trabalho possui caráter qualitativo, tratando-se de uma pesquisa exploratória pautada em revisão bibliográfica que de acordo com Gil (2002) propõe análise de diferentes posições sobre um problema visando torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Para tanto foram selecionados textos clássicos e atuais acerca da temática da adolescência, modernidade e indústria cultural, que foram selecionados de acordo com critérios previamente estabelecidos tais como apresentação de caráter crítico da temática e orientação pelo viés psicanalítico, bem como o texto estar completo e escrito preferencialmente em português.

Para tanto, o primeiro capítulo visa a apresentação das primeiras instâncias de socialização através das quais os sujeitos se constituem, a família e a escola. Será realizada a discussão acerca de suas transformações quanto à estruturação do seu papel e função social e suas possibilidades de socialização ao longo da constituição da sociedade moderna, partindo da compreensão da instância família e da escola. Para tal fim de explanação, serão utilizados os seguintes teóricos como principais fontes: Theodor Adorno e Max Horkheimer, Joel Birman, Anita Resende, Marilia Gouveia de Miranda, Ildeu Moreira Coêlho e Rita Márcia Magalhães Furtado.

Após a compreensão dos modos de socialização na sociedade moderna através destas instâncias, o segundo capítulo propõe a discussão da constituição da cultura digital e a mudança acarretada por esta no laço social, partindo da exposição dos aspectos societários e estruturantes da denominada modernidade a partir das contribuições de Sérgio Paulo Rouanet e Marshall Berman, para então compreender o surgimento de uma cultura mercadológica produzida pela indústria cultural, bem como suas características, com Adorno e Horkheimer, John Thompson.

Em seguida, a partir da elucidação da notoriedade e poder que essa indústria cultural apresenta por meio das mídias no laço social e as transformações acarretadas por ela, com fundamento nos escritos de Maria Rita Kehl, busca-se apreender a constituição das mídias como uma instância de socialização..

Por fim, o terceiro e último capítulo visará a compreensão da adolescência como um termo constituído historicamente no bojo da modernidade e que possui relação com as conjecturas socioculturais da sociedade utilizando como principal teórico Contardo Calligaris. Assim, dada a discussão da adolescência como um período da vida atrelado às condições sociais, a partir das contribuições de Miriam Debieux Rosa e Viviani Carmo-Huerta será realizada a apresentação do trabalho psíquico exigido à esse grupo em conjunto com a reflexão sobre as condições ofertadas ao adolescente em seu processo de constituição na atualidade, tangenciando as repercussões das mídias na constituição da subjetividade do adolescente, trazendo como referência Alfredo e Julieta Jerusalinsky, Christian Dunker e Joel Birman.

Assim, pretende-se a reflexão acerca do espaço e papel que as mídias ocupam na vida dos sujeitos no século XXI ao serem criadas e fomentadas pela lógica moderna, enquanto as primeiras instâncias de socialização, família e escola, apresentam particularidades no que tange a formação de sujeitos nesta sociedade.

CAPÍTULO I
AS INSTÂNCIAS DE SOCIALIZAÇÃO NA MODERNIDADE: A FAMÍLIA E A ESCOLA

Ao nascer, o bebê humano, ao contrário de outros filhotes do reino animal, demanda daqueles que exercem a função materna e paterna um cuidado que vai para além da alimentação, oferecimento de um local para dormir aquecido e cuidados higiênicos, demanda destes pais um olhar, uma afeição, uma linguagem permeada por símbolos e afetos que irão se inscrever nessa criança ao longo de todo o processo de desenvolvimento humano. Diante da interação constante com outras pessoas, instituições, objetos carregados de significados históricos e culturais e com costumes presentes em cada instância formativa, ocorre a formação do ser social. Partindo em um primeiro momento de um mundo ainda pequeno e restrito diante da imensidão de possibilidades de conhecimento acerca de si e do que está a sua volta, tal qual é a família, para aos poucos ser inserido em outros lócus de socialização ainda mais amplos no que diz respeito a tais possibilidades sociais e subjetivas, mas que se apresentam tão complexos e contraditórios tal como a família.

O homem para se desenvolver enquanto ser social requer a presença de um outro (dimensão da linguagem) para apresentar e nomear o lugar no qual se encontra, isto é, que o insira em um mundo previamente existente antes mesmo de sua concepção, e que por assim ser, já possui concepções e conceitos existentes. Esse outro que é encarregado de apresentar o mundo ao homem e vice versa, não apenas fornece as bases para o estabelecimento de um conhecimento acerca do universo concreto, como também fornece bases para a construção e compreensão do universo simbólico e a constituição desse sujeito, oferecendo nessa relação a possibilidade deste se ver como alguém que possui singularidades e desejos, ao se mostrar no campo da alteridade. Desse modo, apesar de dois indivíduos passarem pelos mesmos grupos de socialização, por exemplo, dois irmãos gêmeos, cada um terá características próprias de ser e de se relacionar com outros sujeitos, pois a maneira pela qual vivenciam os momentos e saberes se darão particularmente.

Contudo, a dependência de um outro que possa oferecer a satisfação de necessidades básicas, no que tange ao biológico e às complexas relações sociais e afetivas, não se dá em um vazio, pelo contrário, são atravessadas por instituições que possuem particularidades e que estão perpassadas pelo tempo histórico em que se encontram. Assim, as condições de constituição de

um sujeito, como expõe Resende (2013), ocorre por meio de mediações oferecidas pelas instâncias de sociabilidade: família, escola, trabalho, igreja dentre outros, que atravessam objetiva e subjetivamente os indivíduos, produzidas e sustentadas nos modos de produção e reprodução dessa sociedade. Esta que apesar de já consolidada também se altera e é alterada de acordo com os sistemas de produção e reprodução de si mesma, pois como traz Horkheimer e Adorno (1956, p. 32). “Encarado como relação entre os homens, no quadro da conservação da vida total e, por conseguinte, mais como Fazer do que como Ser, o conceito de sociedade é essencialmente dinâmico”.

Desse modo, se por um lado, o homem demanda um mundo organizado socialmente para que possa se reconhecer e constituir enquanto ser social, por outro, a sociedade requer esta mesma formação do indivíduo para sua própria manutenção, como traz Horkheimer e Adorno (1956), pois a inexistência de socialização, entendida como educação para estes autores, levaria à maior proximidade do caos social, da não possibilidade de convivência em uma relação de mais indivíduos, sendo necessário então que as instituições sociais com seus próprios mecanismos de controle e regulação ofertem as condições para que haja o convívio em sociedade “Só existe constituição social na medida em que a convivência entre os homens é mediada, objetivada e “institucionalizadas”.” (HORKHEIMER e ADORNO, 1956, p. 31-32).

Assim, a existência das instâncias de socialização vincula-se à própria regulação e manutenção da sociedade ao estas transmitirem e ensinarem valores, regras, modos de ser, de falar, de se relacionar, de sentir, pensar e nomear, que nada mais são do que “epifenômeno do trabalho vivo dos homens” (HORKHEIMER e ADORNO, 1956, p. 32), de maneira a permitir a constituição do indivíduo para convivência social, estando também vinculado o modo pelo qual se dá esse ensinar e transmitir. Desta forma, a maneira pela qual a sociedade é composta e regulada se apresenta na socialização do indivíduo. E tendo em vista que são diversas as instâncias de socialização em uma sociedade, esse processo ocorre em meio às às contradições presentes nessas instâncias sociais que realizam-se em um movimento dinâmico e dialético entre ambos, de modo que não há uma independência entre os lócus de socialização, pois a sociedade em sua totalidade, como explicita Resende (2013) e Horkheimer e Adorno (1956), implica que haja uma interação entre essas diferentes estruturas que compõem o seu funcionamento mesmo que cada uma dessas instâncias possuam características que as diferenciem.

Dentre as diversas instituições que mediam a socialização, a primeira pela qual o sujeito inicia seu processo de conhecimento sobre o mundo e sobre si é a família. Segundo Horkheimer e Adorno (1956), em uma perspectiva sociológica, há distintas concepções de família, que ora partem de uma visão naturalista, onde a família é anterior a qualquer sociedade e, portanto, natural e eterna, e ora de uma visão sociológica que apenas enxerga a família como uma instância derivada da sociedade. E a partir disso, em busca de uma conciliação entre estas duas concepções, ocorre a origem de visões mais pluralistas que consideram a família como algo natural, mas também histórico, cultural, biológico e social.

Contudo, estas sínteses da compreensão da família às apreende ora como algo isolado do social, ou seja, sua existência precede qualquer forma social de modo que não apresenta nenhum reflexo dos aspectos da sociedade podendo existir sem esta. E ora sem possibilidade de autonomia entre os membros que a compõem, de maneira que sua perpetuação e características são fruto dos aspectos da sociedade em que se encontra. Mas para os autores supracitados a família está para além disso. É uma instância complexa que não se manifesta isoladamente do contexto social e econômico no qual se encontra, como também possui particularidades próprias que a tornam o que é. Logo, não se manifesta isoladamente, mas frente a papéis e funções sociais, resguardando o atravessamento dessas relações, mas também forjando-se a partir de uma dimensão singular (HORKHEIMER e ADORNO, 1956).

Assim, tal como a sociedade, a família possui uma organização prévia que mantém o seu funcionamento, sendo esta organização necessária para o processo de socialização. Esta, diz respeito aos papéis e funções que cada membro possui dentro dessa instância, dado que “apresenta-se, de fato, como uma "interação” de determinados "papéis" desenvolvidos socialmente, investida de outras tantas tarefas sociais, mas este enfoque pode ter conteúdos variáveis nas diversas formas conhecidas de sociedade.” (HORKHEIMER e ADORNO, 1956, p. 136). Portanto, o modo como essa instância se organiza também é fruto do que está vigente culturalmente na sociedade dado que tais papéis são também representações do que é demandado pelos costumes culturais de onde se insere local e temporalmente. Pois como evidência Birman (2007) em meados do século XVIII, marcado por ideais iluministas, a sociedade passou por complexas transformações políticas, econômicas e sociais que implicaram em mudanças na estrutura da família e que continua até os dias atuais a apresentar novas modificações diante das transformações sociais de forma global.

A priori, segundo o autor, o novo campo social na qual a sociedade burguesa ergue-se levou a construção de espaços privativos que dentro do bojo familiar deu-se a partir da edificação de quartos separados para os pais e para os filhos com o intuito de permitir maior privacidade aos pais frente suas intimidades, instaurando-se também algo da ordem do não dito e do secreto (ARIÉS, 1986; BIRMAN, 2007). Tal mudança foi gradativa e aos poucos as famílias que eram nomeadas pelos historiadores como extensas, compostas por diferentes gerações, reduziram-se a um número menor de membros dentro do que viria a ser chamado de família nuclear constituída apenas pelos genitores e seus filhos.

O advento da família nuclear, juntamente com o contexto social da época, repercutiu nos poderes sociais representados por cada membro dessa instância, alterando-os, principalmente no da mulher que antes da sociedade burguesa era vista apenas como um acessório para a reprodução (BIRMAN, 2007). Segundo o autor, com a redução quantitativa dos membros da família e exaltação da individualidade e privacidade, e sobretudo do progresso, a sociedade atribuiu à mulher a responsabilidade pelos cuidados do espaço privado da família, como a educação e a saúde dos filhos. Um papel que segundo Birman (2007) era revestido de poder social por se fazer necessário na interlocução com a escola e os hospitais. Conquanto a figura de autoridade atribuída ao homem dentro da família deixou de ser diretamente ligada à presença física do pai, dando espaço para uma evocação dessa autoridade a partir da mãe, que fazia alusão ao pai diante da repressão de comportamentos inapropriados (BIRMAN, 2007).

No mais, já no século XIX, a qualidade de vida- compreendida pelo um olhar biomédico nesta época- havia se tornado um indicativo de riqueza do Estado ao passo que o movimento de higienização e, consequentemente, medicalização dos espaços sociais buscaram controlar e regular os corpos dos sujeitos, de modo que novos saberes foram constituídos para auxiliar na vigilância de doenças e controle da população, como a epidemiologia e a demografia (BIRMAN, 2007).

Assim, durante boa parte deste século e até meados do século XX, a saúde dos indivíduos tornou-se algo público e preocupante, que fez com que o Estado na busca de alcançar e manter o status de riqueza, construísse o ideal de uma sociedade saudável. Para tanto era necessário que os sujeitos em suas próprias casas agissem para uma vida higiênica, ou seja, antes mesmo dos filhos nascerem era preciso que a mulher estivesse saudável para que aqueles também os fossem, surgindo a figura da mãe higiênica (BIRMAN, 2007). Logo, percebe-se que a mulher além de ser responsável pela saúde dos filhos, levando aos hospitais por exemplo,

também precisava cuidar de si para então poder oferecer aos filhos a vida saudável, iniciando um processo de um olhar para si. Por outro lado, ao homem não é demandado demais composições sociais ou início de um processo de autocuidado, uma vez que o movimento de higienização que se relacionava aos comportamentos masculinos era visados às mulheres que trabalhavam em bordéis (BIRMAN, 2007). Assim, a figura masculina manteve-se estática ao que tange à sua função social de autoridade no espaço público, bem como na família.

Contudo, a saúde não foi o único indicativo de riqueza durante esse período segundo Birman (2007), pois a universalização do ensino, na segunda metade do século XIX, tornou-se algo necessário visto o crescimento do capitalismo e do comércio que demandam mão de obra que pudesse operar as máquinas nas indústrias. Assim, visava-se a uma educação que servia aos interesses burgueses mas que também era entendida como o que permitiria a ascensão social dos sujeitos. Assim, não somente frequentaria as escolas as crianças filhas de burgueses que possuíam poder aquisitivo e social, tal como era antes, como também os filhos do proletariado, permitindo a estes saírem de uma educação tida como informal para uma sistematizada.

Inicia-se então um movimento de saída das crianças e adolescentes do seio familiar para outros locais, ao passo que estes começam a ser diferenciados pela idade cronológica, maturidade intelectual e afetiva, e conduzidos para as escolas de acordo com divisões. Esse movimento segundo Birman (2007), influi na organização funcional dos papéis da família tendo em vista que a função da mulher enquanto mãe até este período era sobretudo para os cuidados dos filhos de tal modo que a sua atenção, e em alguns casos a vida, voltavam se inteiramente para este fim. Porém, com tais transformações no campo social que logo implicam-se nessa instância familiar, a figura materna passou a dividir com outros locais esses cuidados, como também passou a ganhar espaço para voltar-se para si mesma.

Esse deslocamento lididinal, segundo o autor, ganhou ainda mais força na década de 1950 a partir das reivindicações sociais trazidas pelo movimento feminista ao trazer e dar voz aos desejos das mulheres em ocuparem outros espaços sociais para além do que vinham historica e tradicionalmente ocupando, de maneira que inicou-se um processo de entrada das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho ao buscarem a construção e fortalecimento de uma carreira profissional (BIRMAN, 2007).

Para mais, os avanços tecnológicos ao longo do século XX permitiram o aprimoramento dos métodos contraceptivos (pílula anticoncepcional, camisinhas e DIU) que juntamente com a disseminação do conhecimento acerca da vida sexual permitiu uma “liberdade feminina” ao

tornar-se possível o controle de quantos filhos ter. O que segundo Birman (2007, p. 55) refletiu “ uma importante revolução dos nossos costumes, provocando o exercício amplo, geral e irrestrito do desejo na nossa tradição”, pois tornou-se, a partir dessa possibilidade de escolha, mais frequente a mulher optar em se estabelecer profissionalmente e colocar isto em um mesmo patamar de relevância que o casamento, de modo que este passou a acontecer mais tarde.

Em vista dessa exemplificação do movimento de papéis dentro da família, que se deu a partir da relação com as idéias presentes ao longo dos últimos três séculos, a figura materna adentrou outros campos sociais, colocando a casa -até então na sociedade tradicional, compreendida como lócus de sua responsabilidade-, em segundo plano diante de novas possibilidades de realização enquanto sujeito que possui sonhos, desejos e metas para além do bojo familiar. Nesse sentido, em um primeiro momento, parte da autoridade até então restrita à figura paterna deslocou-se para a figura materna dentro de casa, e o papel de autoridade do pai manteve-se vinculado aos espaços públicos, sendo referenciado como o provedor da família. Diante de tais mudanças, os modos de se relacionar dentro dessa instância e logo de ofertar a socialização também se modificam, pois, ao buscar outros papéis sociais a mulher se lança em outros campos que historicamente já eram ocupados pelos homens, de modo que não há um retorno da figura paterna para suprir essa saída.

Mas para além de um distanciamento físico e uma ausência de uma ou das duas figuras parentais, o que está posto não diz respeito apenas, e diretamente, à substituição dessas figuras por outras, mas sim ao que passa permear a família conforme a forma social é alterada por uma lógica instrumental que subtrai e enfraquece o caráter afetivo que essa instância possui em seu processo de socialização. Neste sentido, a fragilização da família não se restringe ao movimento de saída de ambos os pais para o mercado de trabalho, como se este fosse o problema a ser combatido, permitindo assim o retorno a uma ideia de família tida outrora como ideal e perfeita. Afinal, este ideal também é irrealizável, haja vista que a família é uma instância orgânica e, portanto, contraditória. Ou seja, a mãe permanecer em casa em período integral e o pai manter-se como figura de poder nos espaços públicos não necessariamente significa que essa família seja a mais adequada e melhor para o processo de socialização do sujeito, apenas fala de uma configuração e possibilidades outras.

Portanto, embora a família enquanto instituição de socialização tenha sido conduzida a se constituir em relações monogâmicas diante da ideia de um modo de relação privada e possua, mesmo nos dias atuais, a convicção de que seja algo apartado das demais instâncias, ela está

atravessada pela sociedade e suas contradições, para mais, é dependente dessa realidade (HORKHEIMER e ADORNO, 1956). Deste modo, a família se encontra em uma dinâmica social que, por um lado, requer a transmissão e ensinamento de valores e regras para o indivíduo que o faça negar o "elemento irracional, natural e espontâneo" presente no bojo familiar, elemento este, diga-se de passagem, que diferencia a família das demais instâncias tidas como racionais na sociedade. Por outro lado, precisa ser o bálsamo onde os filhos irão buscar conforto e amparo após se depararem com as limitações que possuem enquanto indivíduo livre diante das forças totalitárias da sociedade (HORKHEIMER e ADORNO, 1956). Nesta última, a ideia de família se estende também para demais grupos de apoio emocional que o sujeito possa vir a criar, sendo comum no discurso cotidiano referências a amigos como irmãos, como uma segunda família. Portanto, entende-se que a família possui uma função ao mesmo tempo repressora e acolhedora. É ao encontro disso que Resende (2013) discorre que a socialização na família diferentemente das demais instâncias, possui o caráter de ofertar afeto ao mesmo tempo que promove este processo de inserção na esfera pública, mesmo que se dê implicitamente, possuindo uma forte posição para a constituição da humanização do sujeito.

Assim, a sociedade atribui à família a função de educar seus membros para estarem junto a outros sujeitos, solicitando e ordenando que essa educação conduza estes para a renúncia do que é "irracional", seja seus afetos e desejos, que colocaria em perigo a sua própria existência, como também a existência da sociedade enquanto totalidade, caso não consigam se submeter aos limites impostos para a realização do que querem (HORKHEIMER e ADORNO, 1956). Tal atribuição apenas se deu com o advento da modernidade pois, anteriormente, no mundo antigo e até meados do século XVI a educação de um sujeito era responsabilidade do coletivo, de modo que os cuidados da criança que vinha ao mundo não era responsabilidade apenas dos genitores, mas também dos vizinhos e de outros indivíduos que pertencem a comunidade.

> A família convertera-se em agente da sociedade: era veículo pelo qual os filhos aprendiam a adaptação social; formava os homens tal como eles tinham de ser para cumprir as tarefas impostas pelo sistema social. A família racionalizava o elemento irracional da força, cujo poder não podia dispensar a razão (HORKHEIMER e ADORNO, 1956, p. 139).

A família, ao ser tomada como o espaço educativo possui embasamento naquilo que a distingue das demais instâncias que é sua capacidade de realizar o processo de socialização permeado por um caráter afetivo, por aquilo que se distancia da "racionalidade" e

sistematização presente nas outras instituições sociais (HORKHEIMER e ADORNO, 1956). Esta característica própria dessa instância dá forças para que este processo, que é permeado pela autoridade das figuras parentais, permita que a criança internalize as tradições, valores e crenças que a família lhe apresenta, ao mesmo tempo que possibilita à criança se constituir e singularizar-se na diferença com estas figuras, dado que o estabelecimento dos conhecimentos sobre o mundo e sobre si ocorrem muitas vezes no e pelo encontro com o outro a partir dos prazeres e desprazeres.

Neste sentido, é somente a família que possui a capacidade de fazer com que o sujeito tema e ame ao mesmo tempo essa autoridade ao oferecer conforto mesmo com a repressão, afinal, a obediência às figuras parentais e a construção da imagem da criança tal qual os pais desejam se faz necessário para a própria sobrevivência da criança, mesmo que posteriormente isso deva ser rompido. Assim, a família ganha força na sociedade burguesa ao reforçar as condições que mantém a coerção social.

> Quem observa o mundo com mente lúcida e sem se distrair com outras coisas, não pode deixar de reconhecer que o indivíduo tem de se adaptar, de se conformar e subordinar; e quem quiser ser alguém, alguém, segundo o ideal burguês, ou, simplesmente, não soçobrar, deve aprender a satisfazer os outros (HORKHEIMER E ADORNO, 1956, p. 138).

Contudo a autoridade que a família possui a partir do olhar da criança no início de sua vida não diz respeito apenas a impedir que esta realize tudo que deseja de antemão como, por exemplo, derrubar os alimentos enquanto está se alimentando ou puxar os cabelos de outra criança durante a interação, é para além disso. Essa autoridade permite que a criança se constitua ao lhe ser negado a realização do que quer fazer ou obter, mas também ao ser ofertado algo no lugar que seja tido como viável. Portanto, a "submissão" não é apenas devido à negação do que deseja, mas porque também há outra alternativa o que, no entanto, não significa que seu desejo inicial não continuará influindo na vida do sujeito mesmo que inconscientemente. Essa autoridade, então, leva a criança a compreender e internalizar os limites entre ela e o outro, colocando em questão a alteridade presente nas relações.

Contudo, a instância social familiar vem, ao longo de uma história recente, enfraquecendo-se e até certo ponto perdendo aquilo que a caracteriza, qual seja, sua dimensão afetiva e autoridade parental. Essa extenuação decorre diante das alterações econômicas, políticas e sociais que esbarram e adentram na família, pois conforme Horkheimer e Adorno

(1956), a autoridade da família permanecia fortalecida conquanto o sujeito a buscava para receber o acolhimento que necessitava frente às adversidades que encontrava na ampliação do mundo social, como também diante do imaginário de continuação de bens, propriedades, profissão, status que viriam junto ao pertencimento e obediência aos membros dessa instância.

Entretanto, as mudanças econômicas presentes no novo modo de produção e reprodução do capital, transformam as relações afetivas em relações de troca que se mantêm enquanto os sujeitos envolvidos nessa relação possuem algo que podem oferecer para estarem ali. Neste sentido, Birman (2007) aponta que não basta condição financeira e erótica para que os cônjuges permaneçam juntos; é preciso um oferecimento de expansão de existência que permita a condição de ser desejante, logo quando não há essa possibilidade, as relações se esgotam e acabam.

Por conseguinte, a ideia de que o indivíduo é livre e dono de si mesmo, cabendo à ele alcançar o seu ideal de sucesso na vida pessoal e profissional, por meio da aquisição de habilidades técnicas através do ensino formal, buscando sempre a eficiência, coloca o conceito de herança e sucessão[1], outra hora muito presente e forte na cultura simbolicamente, em um declínio de significância frente ao que na sociedade moderna se torna o ideário de realização dos sonhos, a própria capacidade do sujeito e sua eficiência no seu trabalho para obter êxito (HORKHEIMER e ADORNO, 1956). Afinal, o sujeito é lançado à sua própria sorte sendo o único responsável pelas suas conquistas, como se as condições econômicas e sociais em que se encontra não fossem importantes fatores que influem em suas possibilidades, ou seja, como se independentemente da classe social na qual o sujeito nasce todos teriam as mesmas chances.

Deste modo, frente a tais mudanças, o sujeito é posto em uma posição de solidão, de não segurança e de não amparo, que se fortalecem à medida que o sujeito não encontra a dimensão afetiva no seio familiar que possa colocá-lo como sujeito desejante, embora permaneça sendo constituído no âmbito desta instância de socialização primária pela mediação do afeto, embora neste momento, bastante racionalizado. Para mais, frente às mudanças no bojo da modernidade, já permeado por uma lógica individualista, de independência e sucesso, o

[1] Herança e sucessão para Adorno e Horkheimer no texto Família de 1956 refere-se à ideia de tradição que também a passa a ser instrumentalizada ao passo que a família enquanto lócus de reserva afetiva também é fragilizada. Assim, os autores trazem os conceitos de herança e sucessão como um dos elementos que denotam de certo modo tal enfraquecimento: "A crise da família é de origem social (...) Enquanto a família assegurou proteção e conforto aos seus membros, a autoridade familiar encontrou uma justificação. (...) Hoje, num mundo em que a capacidade técnica e a eficiência diante de qualquer situação, começam a ser fatores decisivos para a sorte de cada indivíduo e quando a propriedade burguesa perdeu todo o conteúdo ou foi destruída num cada vez maior número de família, o conceito de herança foi esvaziado de todo o sentido." (Adorno e Horkheimer, 1956, p. 140)

sujeito tende a compreender os sentidos de sua vida como apartados da totalidade social na qual se encontra, não se vê como pertencente a uma rede de funções sociais que são dependentes uma das outras para a existência da sociedade (ELIAS, 1994). Isto porque segundo este autor ao ser transferido para o Estado, e suas diversas instituições, o controle e a proteção dos indivíduos o sujeito tende a se distanciar dos pequenos grupos a qual pertencia, ao passo que já se encontra permeado pelo ideal de independência, de modo a aproximar-se de um isolamento nas relações entre ele e os outros à sua volta. Portanto, os ideais modernos de felicidade e do sucesso são postos desde muito cedo no processo de socialização do sujeito, fazendo-o crer que dependem unicamente dele, tornando-se igualmente algo digno de orgulho para o sujeito moderno.

Logo, a família enquanto instância primeira de socialização do sujeito e portadora de uma grande notoriedade perante a sua função social tende a fragilizar-se conquanto passa a ser permeada pela lógica instrumentalizante do mercado, ao mesmo tempo que essa nova configuração da sociedade demanda que outras instituições se tornem igualmente responsáveis pela transmissão, perpetuação e difusão de valores e saberes que permitirão seu fortalecimento e reprodução, porém mais racionalizadas em seu processo de socialização do sujeito do que supostamente na família. Portanto, sua própria peculiaridade de apresentar um caráter mais afetivo no processo de socialização passa a comportar uma racionalidade que, por fim, atinge a reserva afetiva dessa instância, como também passa a se ver desagregada, pois o sujeito é posto cada vez mais distante um do outro ao ter suas relações, desejos e papéis cada vez mais permeados por essa lógica instrumental que passa a inculcar desde muito cedo os valores de mercado através de sua socialização.

Na pretensão de manter a difusão dos ideais modernos e dar continuidade ao processo de socialização do indivíduo, a instituição escolar compreendida como espaço de ensino formal e sistematizado foi um dos espaços visados pela transformação societária a partir da expansão do capitalismo e da privatização da família como este lócus, tornando-se o lugar pelo qual a criança viria a se socializar de maneira mais ampla (RESENDE, 2013).

Conforme Miranda (1989) a constituição da escola como espaço de socialização se deu justamente devido ao longo do processo de constituição da sociedade burguesa no bojo da produção capitalista devido à exclusão das crianças do convívio com os adultos, tal como era na Idade Média, onde aprendiam em direto contato com o outro, participando das funções na comunidade. Assim, a criança era socializada através de um convívio com sujeitos de diferentes

idades e diferentes condições sociais, não havendo uma completa determinação e controle por parte da família (MIRANDA, 1989) que, como discutido anteriormente, apenas se tornou a responsável maior pela educação da criança diante das mudanças sociais trazidas pela ascensão da burguesia.

Destarte, apesar dos próprios ideais burgueses requererem a privatização das relações, realocando os cuidados da criança ao bojo da família, esta mesma burguesia se viu diante da necessidade de uma educação formal e sistematizada. A princípio, voltada para seus próprios membros, para que estes pudessem realizar as contas, leituras e anotações que mantivessem seu poder através de seu monopólio.

Desse modo, a ampliação do ensino escolar se deu diante das demandas capitalistas, visando interesses de uma classe em ascensão, pois embora a universalização e sistematização do ensino date por volta do século XVIII e XIX, anteriormente a estes séculos já existiam escolas de caridade coordenadas sobretudo pela Igreja Católica que recebiam os filhos da elite da sociedade daquela época, os quais passaram a frequentar colégios visando garantir e manter seus privilégios como aponta Miranda (1989).

Assim, *a priori*, a educação formal era voltada aos burgueses para que pudessem realizar o controle de seus monopólios, mas diante da expansão do capitalismo e introdução de maquinários no modo de produção com o advento do capitalismo industrial, esse grupo viu nas escolas a possibilidade de se manterem no poder, ao mesmo tempo que poderia qualificar minimamente os sujeitos para manusearem tais tecnologias industriais. Portanto, o surgimento da escola e sua expansão se deu atrelado aos interesses econômicos e políticos de uma classe em específico, o que significa que assim como a família, a escola não está isolada das contradições sociais do contexto histórico na qual se encontra, como também não é neutra no sentido de transmitir a ideologia da classe hegemônica, para mais, "atua como um instrumento de dominação, funcionando como reprodutora das classes sociais através dos processos de seleção e exclusão dos mais pobres e, ao mesmo tempo, da dissimulação desses processos" (MIRANDA, 1989, p. 132).

Porém, segundo Miranda (1989) o papel de dominação não é completamente realizado justamente por estar localizada histórica e socialmente em uma totalidade, o que significa que a escola enquanto instância orgânica e social também se apresenta contraditoriamente manifestando e reproduzindo os conflitos entre os diferentes interesses da classe dominante e

dominada, também sendo, portanto, um dos meios possíveis de mediação na efetivação destes conflitos.

> Tanto a escola pode desempenhar o papel de “aparelho ideológico”, agindo sobre as crianças de forma articulada com outras instituições sociais- embora nem sempre isso apareça claramente- no sentido de formar nela as estruturas da subjetividade por meio da reprodução das estruturas sociais da máquina de produção, quanto pode desenvolver uma ação "contra-ideológica", agindo sobre as crianças de maneira que lhes possibilite um desenvolvimento autônomo das estruturas de subjetividade, criando indivíduos singulares, estruturalmente preparados para enfrentar as duras barreiras sociais a que estão submetidos (...) (GALLO, 2009, p. 122 *apud* FURTADO, 2013, p. 222-223).

Neste sentido, a escola também se apresenta como um espaço de resistência, possuindo em sua práxis, a possibilidade do esclarecimento a partir da elucidação das contradições sociais impostas.

Todavia, ao ser definido seus fins sociais há maior presença de interesses de uma determinada classe social do que outra, de modo que há maior detrimento da demanda da classe hegemônica que está alinhada ao que o mercado requer. Como podemos observar atualmente, a entrada da lógica neoliberal no campo educacional como um todo, altera a maneira pela qual a escola se organiza, de modo que a educação passa cada vez mais a ser vista como uma mercadoria. Neste sentido, a escola é reduzida à um ensinar de memorização, o saber enquanto produto histórico reduzido à coisa, e assim postos permitem que a criança e o jovem aprendam através de um decorar e não frente um processo reflexivo e crítico do ensino- aprendizagem que o levaria a refletir sobre os saberes até então construídos, a questionar-se sobre si e sobre a sociedade, a não tomar algo como absoluto, ou seja, uma educação que visasse a autonomia, mas ao contrário, essa criança, esse adolescente são transformados desde cedo em consumidores (COÊLHO, 2013). Logo, o que torna uma escola boa é refletido através de uma análise quantitativa, por exemplo, os números de aprovados nos vestibulares das melhores universidades e a nota obtida no exame nacional, na prova Brasil e etc, sendo estes índices os balizadores do investimento que irá receber, seja do governo ou dos pais ao matricularem seus filhos ali.

Assim, de acordo com Coêlho (2013), a escola perde sua razão de ser, a de formar sujeitos críticos e autônomos capazes de pensar acerca das ideais e da realidade, à medida que

se torna organização[2]; passa a estar mais preocupada com o preparo dos alunos para a obtenção do sucesso buscando atender as exigências impostas pela sociedade, pelo Estado, pelo mercado, para então se mostrar eficiente e produtiva através dos resultados obtidos

> (...) ela desliza no operacional e, negando sua natureza, torna-se *organização*. A preocupação com seu quotidiano, estrutura, funcionamento, gestão e aspectos burocráticos; e o grande interesse pelo como deve acontecer o ensino e a aprendizagem e pelos resultados obtidos parecem falar mais alto que a dúvida, o questionamento e o pensamento (COÊLHO, 2013, p. 61).

Destarte, ao se ter uma mercadorização e instrumentalização da educação, a escola permite ainda mais a perpetuação dos modos de dominação, ao passo que a formação de um sujeito autônomo e crítico se fragiliza, pois a possibilidade de reflexão sobre o que se apresenta nas relações que se dão na escola ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem, como também fora dela são impossibilitados. O aluno não é mais levado a compreender os percursos, significados, contradições, rupturas e continuidades do saber, como discorre Coêlho (2013), este se torna um produto, e enquanto produto já está finalizado, pronto, fechado em si, não sendo visto como parte de uma totalidade histórica e social, nem como passível de problematização, questionamento e quiçá transformação.

Neste sentido, não é possível ao aluno pensar sobre o mundo e sua constituição orgânica e social, apenas pode conhecê-las, aceitá-las e reproduzi-las de forma mecânica, do mesmo modo que as encontrou, logo a escola se distancia de si mesma enquanto espaço de reflexão e formação de sujeito autônomos e críticos, e se aproxima de um centro de treinamento, como traz Coêlho (2013).

> Ao converter a educação, o saber, as letras, as artes, a filosofia e as ciências, em realidades dadas; e a escola em organização, a sociedade e a mídia negam a dimensão questionadora e criadora das instituições e obras de cultura, formadoras de *outro homem*, que não se entrega ao servilismo, não se deixa escravizar pelos bens materiais, dinheiro, poder, mercado e consumo (COÊLHO, 2013, p. 69).

A escola, por conseguinte, possui um importante papel na reprodução social, dado que as experiências que o sujeito vivencia na escola se distinguem dos demais espaços de socialização, como traz Resende (2013). E tal reprodução não decorre desarticulado da vigência

[2] Segundo Coêlho (2013) citando Freitag, a organização pressupõe um saber-fazer instrumental e um bom êxito prático, seu funcionamento é regido pela gestão, planejamento, eficácia e sucesso de maneira que se está funcionando adequadamente não há necessidade de preocupação com seu significado e finalidade. Deste modo, a escola enquanto organização, não apresenta sentido e valor por si mesma, apenas como investimento para o futuro.

político cultural da sociedade e do território no qual se encontra, pois ainda segundo esta autora, a escola se organiza, enquanto espaço de socialização, de acordo com a lógica da sociedade mercantil, se apresentando como um lócus de socialização mais pragmático e racional do que a família. Possuindo, portanto, um vínculo mais direto com a sociedade ao contribuir de modo diferenciado das demais instâncias com a propagação da cultura (FURTADO, 2013).

Deste modo, em sua essência, a escola se vê sujeitada à uma lógica de mercado que reduz a sua função social à um objeto a ser consumido pelos alunos para que então possam obter o tão almejado sucesso contemporâneo. Assim, ao ser permeada por uma lógica instrumentalizante e gerenciada conforme os ditames hegemônicos que requerem a reprodução da dominação através da formação de sujeitos não críticos frente às questões sociais e pautados no valor da individualidade, a escola configura-se como um espaço de formação e reforço de sujeitos consumidores. Neste sentido, sua possibilidade de levar à compreensão da totalidade social e dos indivíduos como pertencentes a esta não se realiza.

Assim, de acordo com Furtado (2013), a escola não apresenta -ao menos não deveria- apenas a função de ensinar através da transmissão de saberes milenares e mais atuais de forma sistematizada e gradual, mas permitir através dessa transmissão não mecânica a possibilidade de encontro com um saber já instituído, mas que pode ser elaborado e modificado de modo a permitir a construção de novos. No mais, segundo a autora, a transmissão de saberes de modo reflexivo pressupõe igualmente uma transmissão de senso de identidade e pertencimento ao que foi instituído historicamente, levando o sujeito a se compreender como ser histórico e social.

Desse modo, a transmissão se trata também da passagem de uma tradição que só é possível ao passo que a escola garante que o sujeito tenha acesso a palavra e vincula esta a ideias e teorias “vivificando saberes que a cada geração recebem um sopro novo e cabe às gerações novas o poder de decidir se mantém a tradição ou se edificam a ruptura” (FURTADO, 2013, p. 224), sendo este o cerne que a permite reproduzir, questionar, atuar e transformar a sociedade. Para mais, em sua essência, a escola não é apenas lócus de ensino- aprendizagem, pois educação não se restringe a isso, uma vez que esta implica cultura, civilização, desenvolvimento individual e coletivo, trocas, processo de formação e como tal ocorre nos mais diversos espaços pelo qual o sujeito passa (RESENDE, 2013; FURTADO, 2013). Desse modo, segundo as autoras, a escola também é espaço de transmissão e formação cultural enquanto insere e apresenta o aluno aos saberes construídos historicamente em um mundo anterior à sua

existência, do mesmo modo que cria e recria aspectos culturais nas relações entre os alunos, a escola e a comunidade onde se encontra.

Então, a escola como espaço de constituição do sujeito possui demasiada relevância para propiciar experiências que referem-se a questões "antropológicas, epistemológicas e axiológicas, no qual todos aqueles que a frequentam constituem, assimilam, modificam e constroem cotidianamente a relação do individual, do singular e do coletivo" (FURTADO, 2013, p. 225). Ou seja, a formação do sujeito não se dá exclusivamente pelo conteúdo que lhe é ensinado em uma relação de ensino aprendizagem entre o professor e o aluno, mas também na interação com as outras pessoas que ali se encontram e que trazem consigo experiências e conhecimentos outros aprendidos na relação familiar e em outros grupos que passaram e passam.

Contudo, tal relação que propicia essa formação na singularidade do sujeito é cada vez mais afastada, sendo interferida pela lógica do mercado ao impor necessidades fundamentais para o sujeito concernentes ao que precisa ter de conhecimento para atingir determinados fins (notas, emprego, classificação e posição em algum exame) havendo, portanto, um excesso de conteúdos e disciplinas para serem aprendidas, sobrepondo o utilitarismo do mercado à curiosidade da criança na busca do saber sobre o mundo e na discussão sobre elas (FURTADO, 2013). Deste modo, a formação que a escola em sua razão de ser, segundo Coêlho (2013), tem a oferecer não se concretiza, haja vista que os momentos que poderiam proporcionar a formação do sujeito crítico e autônomo, consciente de si como parte integrante de um todo, passa a ser cada vez mais permeado por aquilo que se faz necessário para obter e alcançar o sucesso, este sempre dependente nessa lógica das determinações do mercado.

Neste ínterim, as formas de sociabilidade que estão presentes para o sujeito apresentam particularidades que se relacionam às condições históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais que estão presentes em certa sociedade em um determinado período histórico. Isto é, as possibilidades de formação que tais instâncias de socialização discutidas até então possuem, bem como suas características, estão atravessadas pelos ideais, valores, crenças e pelos aspectos societários que constituíram e constituem a sociedade moderna. Esta por sua vez traz em seu bojo novos modos de pensar o mundo e os indivíduos que refletem em todo processo de produção, reprodução e constituição da sociedade como um todo e dos próprios sujeitos, de modo que uma instância pode fragilizar-se ou fortalecer-se ao ser permeada por alguma lógica existente na estrutura social, bem como ser atravessada pelo surgimento de uma outra.

CAPÍTULO II
CONSTITUIÇÃO DA MÍDIA COMO INSTÂNCIA DE SOCIALIZAÇÃO

A modernidade, para além de referir-se à um período histórico da história da humanidade comportando, portanto, peculiaridades próprias que a distingue de um tempo anterior e quiçá ulterior, mesmo que abarque algo desses outros períodos, uma vez que a história do homem trata-se de uma continuidade dialética no qual até mesmo as rupturas do desenvolvimento social do convívio com o outro refletem nas formas subsequentes das relações sociais, relaciona-se igualmente com novos modos de sociabilidade. Como discutido anteriormente, as duas principais instâncias, mas não únicas, que permitem a constituição do sujeito enquanto ser social são permeadas por aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais próprios dessa época e neste sentido, os processos de socialização ofertados pela família e pela escola se dão de maneiras distintas de outros momentos históricos, visto que também essas instâncias passam a existir de forma diferente.

Para mais, no processo de desenvolvimento da modernidade, a mídia surge e apresenta-se como possibilidade de lazer e de compartilhamento cultural que a medida que se difunde, ganhando espaço na vida dos sujeitos, passa aos poucos a atravessar as instâncias de socialização, bem como se constituindo como uma. Seu surgimento e fortalecimento se dá em conjunto com os desdobramentos do modo de produção capitalista que caracteriza-se por ser um dos aspectos que marca o início dos tempos modernos ao passo que as relações entre os sujeitos são transformadas diante da expansão do mercado que além de ampliar para outros locais as possibilidades de trocas de produtos também expande as necessidades e desejos, de modo que também as relações entre os sujeitos e o mundo se transfiguram (BERMAN, 1986).

Com o advento do mercado moderno as fronteiras internacionais são aos poucos atenuadas e ultrapassadas, permitindo que os indivíduos se aproximem e consumam produtos, e os ideais que estes comportam, que são produzidos em países longínquos e por uma minoria qualitativa. Assim, progressivamente, o sujeito se encontra diante de um mercado que não apenas apresenta inúmeras possibilidades de consumo, mas que também comporta produtos homogêneos ao que tange os ideais e valores agregados. Desse modo, mesmo que o indivíduo se encontre em outro país, ainda há a possibilidade de consumir algo que lhe é comum não somente por ser uma mercadoria disponível em sua terra natal, como também por abarcar as mesmas promessas de experiência, sensações e emoções (ROUANET, 2003).

Neste sentido, a produção e consumo não se restringem mais a um território fixo, uma vez que há a cosmopolitização da produção e do mercado frente à uma necessidade de escoar para outros países aquilo que foi produzido, criando e estabelecendo ligações entre os mais diversos locais do mundo, de modo que cada vez mais ocorre um processo no qual o fazer de um sujeito depende do que é produzido por um outro que é muitas vezes desconhecido para aquele. Assim, as trocas ocorrem de forma mais ampla sem a necessidade de face a face, como também se desmantela a auto suficiência local, surgindo o que podemos chamar de globalização, "a interdependência crescente de todos os países, a segmentação do processo produtivo, a diversificação das fontes supridoras e dos mercados de consumo, o sucateamento das indústrias nacionais" (ROUANET, 2003, p. 14).

Deste modo, o surgimento das indústrias e do mercado internacional levam à transformações no mundo que implicam em um jogo de forças e de domínio por parte de uma classe que utiliza do poder político que detém para administrar seus negócios, a burguesia. Esta, segundo Rouanet (2003) ao referir-se a Karl Marx, ao ser internacionalizada sempre será tida como moderna, como se internacionalização e modernidade fossem sinônimos, e comporta

> um desfecho de um processo de dissolução dos diversos particularismos- familiares, estamentais, étnicos, linguísticos, o que introduz a dialética universal- particular no cerne do processo de modernização. (...). Essa burguesia "moderna" criou um estado à imagem, um "estado representativo moderno" (...) a internacionalização econômica gera uma cultura mundial- uma Welliteratur (ROUANET, 2003, p. 14).

Para mais, o poderio e controle que o homem construiu sobre a natureza ao longo dos anos tornou-se ainda mais forte à medida que este foi se apropriando do conhecimento e reinventando os modos de domínio para perpetuar-se através da realização de seus interesses, em sua maioria alinhados a acumulação de riqueza monetária. Isso permitiu que além de grandes construções residenciais, industriais, comerciais, também fosse possível a edificação de maneiras de consolidação desse poder através de ideais sobre a capacidade do homem (BERMAN, 1986) que, alinhado aos ideais de liberdade advindo do Iluminismo e do sucesso e independência, direcionou o sujeito para uma vida de competição que é igualmente pensada pela classe dominante para manter em prosseguimento a sociedade burguesa, ao passo que o indivíduo precisa inovar em suas atividades para que assim possa manter seu negócio e respectivo monopólio.

Assim, para a burguesia, é a própria constância de mudança que permite sua consolidação e permanência, tão logo observa-se a constante criação e/ou atualização de produtos para serem consumidos, que retratam a obsolência planejada, pois conforme Berman (1986) a estabilidade sólida e prolongada é o pesadelo para a classe dominante, pois significaria a morte, somente o progresso e crescimento são indicativos de vida. Logo, mesmo que em meio a crises, caos e catástrofes, a sociedade se mantém pois estas são oportunidades pelas quais se pode preservar e perpetuar-se através da renovação e redesenvolvimento que estas implicariam (BERMAN, 1986). Neste ínterim, tudo que é construído é pensado para ser desfeito logo menos, para que então possa ser fabricado outro em seu lugar, deste modo nos tempos modernos tudo torna-se descartável.

Da mesma maneira, o sujeito também precisa aproximar-se e lidar com a flexibilização exigida na dimensão subjetiva, pois "para que as pessoas sobrevivam na sociedade moderna, qualquer que seja a sua classe, suas personalidades necessitam assumir a fluidez e a forma aberta dessa sociedade" (BERMAN, 1986, p. 93). Faz-se necessário o autodesenvolvimento do sujeito para que a sociedade moderna também possa desenvolver-se a partir das propostas inovadoras que os sujeitos ofertariam em suas produções, como também para esse sujeito se manter no mercado de trabalho. Contudo, segundo o autor, este desenvolvimento é restrito e distorcido pois apenas poderia ser desenvolvido aquilo que é atraente para a perpetuação do mercado, que alinha-se aos interesses da classe dominante. Assim, tudo que não for benéfico para esta, ou é reprimido ou corroído por falta de possibilidade de uso, e até mesmo impossibilitado de manifestar-se por não se ter oportunidades para ocorrer dentro desta lógica.

Tal necessidade de inovação constante é um dos frutos da expansão do mercado internacional decorrente da modernidade que, enquanto modo de organização e de vida, apresenta-se como produto cumulativo de racionalização tanto na esfera econômica quanto na esfera política e na cultural (ROUANET, 2003).

> A modernidade econômica implica a livre mobilidade dos fatores de produção, trabalho assalariado, adoção de técnicas racionais de contabilidade e de gestão, a incorporação incessante da ciência e da técnica ao processo produtivo. A modernidade política implica substituição da autoridade descentralizada, típica do feudalismo, pelo estado central, dotado de um sistema tributário eficaz, de um exército permanente, do monopólio da violência, de uma administração burocrática racional. A modernidade cultural implica a secularização das visões do mundo tradicionais e sua diferenciação em esferas de valor, até então embutidas na religião: a ciência, a moral, o direito e a arte (ROUANET, 2003, p. 15).

Em tal explicitação o que se observa é uma definição e compreensão das estruturas sociais da modernidade a partir de uma lógica de eficácia e eficiência, caracterizando o que Rouanet (2003) denomina de modernidade funcional. Neste sentido, a modernização é vista como um processo que por um lado comporta: a modificação do processo de produção- que exige cada vez mais a eficácia e seu aumento progressivamente-, a derivação da homogeneização global dos processos produtivos e dos fluxos do comércio e a relativização da soberania nacional com um modelo de ação estatal "baseado na abertura dos mercados, na privatização e na desregulamentação" (ROUANET, 2003, p. 17). E por outro lado, segundo o autor, comporta o movimento de particularização do mercado que refere-se a utilizar das especificidades e particularidades culturais e nacionais para produzir a estratégia de venda, como também revitalizando o estado nacional uma vez que mesmo no processo de globalização as empresas transnacionais permanecem defendendo os interesses do governo que lhe concede benefícios. Assim, a modernização abarca uma globalização por um lado e por outro, uma particularização para que o sistema construído possua uma boa eficácia em todas as partes do mundo de forma integrada.

Contudo, a modernidade abrange contradições. Sabe-se que uma sociedade não é moderna apenas quando seu sistema está em pleno funcionamento produtivo dentro da lógica acima explicitada, mas quando possibilita aos indivíduos a construção de sua autonomia. Deste modo, as relações também são transformadas por outro viés que não o de eficácia, mas por uma busca de autonomia e liberdade que emanam de movimentos renascentistas que trazem consigo novos modos de pensar o mundo e o homem, sobretudo o movimento Iluminista (ROUANET, 2003). Segundo o autor, o Iluminismo foi propulsor para que ocorresse a universalização nas dimensões políticas, econômicas e culturais, com a criação de instituições multilaterais que pudessem coordenar esforços para o progresso social na educação, alimentação e saúde, e garantir o bem estar do terceiro mundo; transformando a paz e sua defesa em um valor supremo mundial, criando uma política de direitos humanos que ultrapassassem fronteiras físicas dos países; além de promover possibilidades de encontros em diversas áreas culturais com a tradução de obras e incentivando ensino de língua estrangeira.

Neste sentido, a emancipação do homem e o futuro da humanidade se alinham a ideais e valores que são pensados a partir do racionalismo, universalismo e individualismo de acordo com Mâcedo (2012), que implicadas no desenvolvimento da sociedade moderna abriram espaço para que novas maneiras de pensar o sujeito e o mundo- emergidas também a partir de um modo

de produção econômico em curso- surgissem e influenciassem na estrutura social da sociedade burguesa e por conseguinte nas relações entre os sujeitos e o mundo. Pois, conforme Berman (1986) os movimentos renascentistas ao exporem as condições anteriores em que os homens se encontravam, revelando os sofrimentos mundanos de uma época anterior e também removendo a crença no sobrenatural como o detentor do poder de controle da vida dos sujeitos, exibiram novas condições de vida para os sujeitos e a esperança de algo melhor. Afinal, o destino do sujeito não depende mais do poder sobrenatural, mas de si próprio. O sujeito é livre para realizar as atividades laborais que desejar e possui as mais diversas possibilidades para alcançar o status social que aspira. Contudo, embora os homens tenham sido libertados da exploração e de uma ilusão política e religiosa que os levavam a se "contentarem" com suas possibilidades, a modernidade produziu outras formas de exploração que se apresentam ainda mais abertas, diretas, brutais e despudoradas de acordo com Rouanet (2003).

Desta maneira, a ideia de que o sujeito é livre para realizar o que for necessário para alcançar as mais variadas aspirações, dado que em tese todas as condições para a ascensão social estariam presentes para todos, se dá de modo deformado ao passo que na via de mão dupla a própria sociedade burguesa a reprime, pois no controle do mercado estão as classes dominantes que irão agir de modo a manipular, controlar e restringir o seu mercado para que seu monopólio se mantenha (BERMAN, 1986). Ou seja, a liberdade que o sujeito em tese detém para realizar as atividades que deseja visando o alcance de determinado patamar social esbarra na impossibilidade de exercício dessa liberdade efetiva, visto as condições em que a idéia de liberdade se desvincula da possibilidade da emancipação, embora permaneça aliada a uma concepção de autonomia pautada pelos interesses das classes dominantes e, portanto, por aqueles que detém o poder.

Nota-se, portanto, que a modernidade apresenta características que surgem frente à uma pressão de renovação econômica que por sua vez expressa uma demanda de crescimento e progresso *ad infinitum*. Isto é, sempre é necessária uma expansão, uma renovação que ao atingir os indivíduos dessa sociedade expande os desejos e necessidades para além do espaço em que vive, "fronteiras locais, nacionais e morais" (p. 116), como também pressiona estes a explorarem tudo e todos que forem preciso para atingir os objetivos de vida (BERMAN, 1986). Para mais, ela requer a constante renovação e mudança presente nas mais diversas relações que comportam a incorporação e metamorfose de valores e destruição de tudo aquilo que não é economicamente viável e utilizável para o mercado, junto à sua capacidade de utilizar das crises

presentes para se desenvolver ainda mais (BERMAN, 1986). Desse modo, observamos uma sociedade moderna constituída por contradições naquilo que a define e a distingue de demais períodos

> (...) a burguesia "moderna" reduziu tudo a um cálculo egoísta, mas, em compensação, produziu milagres técnicos; profanou tudo que era sagrado, mas, em compensação permitiu ao homem escapar das ilusões da ideologia; destruiu indústrias obsoletas, mas, em compensação satisfez às necessidades da civilização; anulou culturas paroquiais, mas em compensação, produziu uma cultura universal. Parece haver uma tensão entre dois discursos, um discurso baseado em valores humanistas e outro, baseado em critérios de eficácia (ROUANET, 2003, p. 14).

É regida por um lado pelas técnicas, por uma lógica instrumental e pelas ações estratégicas visando a eficácia do sistema moderno, e por outro lado opera pela racionalidade comunicativa e pela sociedade civil, apresentando atores e modos de funcionamento divergentes, mas não excludentes que se implicam e se complementam à medida que as estratégias e componentes de uma aumentam a possibilidade de ação da outra, podendo haver conflitos haja vista as distinções, mas não há supremacia de um sob outro (ROUANET, 2003).

Assim, segundo Berman (1986), a modernização percorre vários e diferentes caminhos para sua construção e perpetuação e neste processo de constituição dá vida a uma cultura moderna que também faz parte da indústria moderna, uma cultura que se apresenta como uma mercadoria e propriedade comum de todos. Logo, de acordo com o autor, as artes, teorias, ciências apenas serão desenvolvidas e escritas se possuir alguém para remunerar aqueles que a criam, e somente serão remunerados se a pintura, por exemplo, dispor de algo que irá incentivar ainda mais o capital.

A cultura, segundo Rouanet (2003), pode ser definida por um sentido antropológico e por um sentido restrito, o primeiro compreendendo o conjunto de crenças, valores, modos de fazer e sentir, memórias e experiências partilhadas, enquanto o segundo corresponde ao conjunto de bens simbólicos como a literatura, música, pintura, cinema, dança, teatro e respectivos suportes materiais. Contudo, este modo de definição é apenas uma forma didática para a compreensão do que se trata a cultura, visto que os dois sentidos estão interligados. Como por exemplo, a música e filmes (sentido restrito) são meios pelos quais valores e crenças (sentido antropológico) também podem ser transmitidos para os sujeitos. Assim, quando aproximamos a discussão da cultura à concepção de modernidade funcional evidenciada por Rouanet (2003) observa-se que a globalização da dimensão cultural abarca a difusão mundial de culturas tanto no sentido antropológico como no sentido restrito.

Contudo, o cerne da questão para o autor diz respeito se essa cultura global é fruto de uma sociedade que existe em si mesma ou se ela é difundida a partir de uma cultura central e hegemônica. Nesta última hipótese os países periféricos seriam culturalmente formados a partir dos países hegemônicos, de modo que a globalização seria sinônimo de ocidentalização, americanização dos valores, crenças e produtos culturais tais como os filmes, músicas, livros dentre outros. Enquanto a primeira hipótese parte do pressuposto de que há uma sociedade global que não é mera soma de todas as sociedades nacionais. Assim, a cultura global não seria reflexo de um conjunto de valores, produtos, símbolos de diversas culturas.

> Nessa perspectiva, a disneylândia, o *blue jeans* e o McDonald's não correspondem a um projeto imperialista norte-amaricano, e sim a uma nova fase, transnacional e não simplesmente internacional, de organização capitalista da produção e do consumo. A nova realidade é o *fast food*, não o McDonald's; o *fast food* corresponde aos ritmos mais velozes da vida neste final de século, e pouco importa a nacionalidade das empresas que encarnam essa realidade (...) O cinema se transnacionaliza cada vez mais: um número cada vez maior de filmes é rodado na África, por um estúdio de Hollywood, com um diretor europeu, e financiamento japonês (ROUANET, 2003, p. 27).

Desse modo, para a maioria dos autores, a cultura global possui conteúdos próprios que segundo Ortis *apud* Rouanet (2003) são, por exemplo, as imagens dos personagens Pato Donald, Mickey Mouse, Branca de Neve e etc, que não são presos ao país em que foram criados sendo, portanto, desterritorializados e formam um imaginário coletivo mundial, referindo-se ao que o autor denomina de cultura internacional popular. Todavia, para outros autores, a cultura popular é menos inofensiva e possui como objetivo principal modelar o consumidor global de acordo com certos valores e atitudes através dos conteúdos presentes em seus veículos de transmissão, como os filmes, músicas, revistas, programas e etc (ROUANET, 2003).

Os conteúdos da cultura global tangenciam o *global talk* que nada mais é do que os assuntos sobre a globalização, tanto os temores como as celebrações sobre esse movimento. Desta maneira, o discurso global é assim denominado porque a globalização é o objeto da discussão, que se difundiu por todo o mundo, o que fez com que a defesa dos valores encontrados no movimento de particularização também se constituísse um fenômeno da globalização (ROUANET, 2003). Afinal a particularização, enquanto movimento da modernidade funcional, age de modo a lutar e manter particularidades de cada estado nacional nos produtos encontrados de maneira ampla na cultura global, o que por sua vez também proporciona a sensação de familiaridade e de reconhecimento com os produtos que são

consumidos. Assim, nota-se que todo esse processo transnacional, segundo Rouanet (2003), conduz para que os sujeitos se sintam em casa mesmo que estejam em outro país, dado que os mesmos produtos encontrados na terra natal são encontrados em outras cidades, os mesmos programas que assistem estão disponíveis no outro lado do mundo. Algo que vem se intensificando com a disseminação do uso de aparelhos portáteis e a internet.

A mudança acarretada pela cultura global denota o que por volta da década de 1960 e 1970 era de responsabilidade da família, escola, igreja, local de trabalho, tal seja a função de inserir e socializar o sujeito para o conformismo e para o consumo. Agora tal função tem sido assumida em boa parte por essa cultura e seus veículos de transmissão, tendo em vista que "a mídia produz e reproduz a cultura do consumo, da violência e do sexo, para assegurar as corporações do mercado que necessitam" (ROUANET, 2003 p. 29).

Pode-se questionar quais as saídas para as ameaças advindas dessa cultura e pensar que a particularização, no viés da modernidade funcional, seja a resposta. Contudo, segundo o autor, a particularização da cultura não se apresenta como a resposta para os riscos presentes, pois ela também se manifesta de diversas formas, sendo uma delas gerada pelo mercado, apresentando um particularismo deste ao passo que a mercadoria se transforma em cultura e adentra na globalidade. Para mais, o particularismo comporta uma forma de cultura denominada nacionalismo que se estrutura por uma polarização da cultural nacional e estrangeira, e em uma concepção essencialista daquela, de modo que a cultura estrangeira será vista como a maligna e prejudicial para a cultura nacional, ao passo que esta é tida como pura (ROUANET, 2003).

Em vista disso se tem a tentativa de romper com essa cultura estrangeira por meio do fortalecimento da cultura local ao ponto de conseguir se impor internacionalmente. Contudo, em tal processo de se colocar à frente de uma cultura estrangeira, o nacionalismo cultural tende a fechar em si mesmo e proibir as relações com outras culturas, e logo é possível que ocorra equívocos e relativismos que, do mesmo modo, não iriam conduzir a uma emancipação cultural, mas apenas à substituição de um nacionalismo cultural por outro (ROUANET, 2003).

Contudo a cultura presente na sociedade moderna também pode ser vista a partir da perspectiva da modernidade emancipatória na qual é tida por ser universal. Neste sentido, todas as esferas de valor da cultura tornam-se comuns a todos uma vez que ocorrem processos de disseminação e compartilhamentos em diferentes partes do mundo. Por exemplo, com a ciências e suas produções se tornando cada vez mais cosmopolita ao se ter encontros periódicos como congressos e colaboração de cientistas de diferentes países (ROUANET, 2003). Esse processo

de universalização requer e acarreta, por meio do pluralismo, a proteção e defesa da diferença e da diversidade de cada cultura através das normas universais estabelecidas, como também a organização dessas particularidades para que assim haja uma convivência que se aproxime de uma harmonia das diferenças nacionais e culturais (ROUANET, 2003). Desse modo, a universalização e a pluralização da cultura ao mesmo tempo que expõe os indivíduos as influências culturais diferentes, também organiza as identidades coletivas. Assim, de acordo com o autor, os sujeitos são constituídos por diferentes relações sociais e através da intersecção de identidades particulares diversas, de modo que se tem um sujeito com uma identidade nômade em constante processo de constituição e desconstituição.

Percebe-se, portanto, que as transformações que se deram com a passagem da idade média para a modernidade, e para alguns autores, para a contemporaneidade, repercutiram sobremaneira nas relações sociais dos indivíduos, seja uns com outros ou com o mundo, trazendo novas maneiras de pensar sobre si e sobre outro, de se organizar enquanto sociedade e com a complexificação e/ou surgimento de novas funções sociais que constrói a rede de relações entre os sujeitos, de acordo com Elias (1994). No mais, a própria cultura no curso de desenvolvimento da modernidade também se apresenta de maneira particular ao indivíduo neste período ao passo que também é perpassada por estas transformações. Por conseguinte, as possibilidades de interações entre esses indivíduos também foram modificadas, ocorrendo mudanças nos processos de socialização destes conforme o homem foi se apoderando do controle da natureza e do conhecimento.

O desenvolvimento das mídias de comunicação, como a televisão, cinema, rádio, são um dos exemplos de como as mudanças trazidas pela modernidade transformaram as relações sociais dos sujeitos, e mais recentemente temos ainda o desenvolvimento e disseminação da *internet* junto com a criação de aparelhos eletrônicos portáteis. Tais inovações aproximam-se das mais diversas dimensões da vida dos sujeitos modernos, estando presentes a todo instante seja em casa, no trabalho, na escola ou nos tempos de lazer dos sujeitos. Deste modo, tais mídias e os meios pelos quais ela transmite seus conteúdos, implicam em vicissitudes na maneira pelas quais o sujeito se socializa, apresentando novos modos de como o sujeito se aproxima do conhecimento, da história e do outro.

Conforme Thompson (2002) o desenvolvimento das mídias transforma a natureza da produção e do intercâmbio simbólico no mundo moderno visto que os processos de produção, armazenamento e circulação tem se transformado diante do desenvolvimento institucional que

produz e reproduz essas formas e conteúdos simbólicos -centrais na vida dos homens desde as primeiras formas de comunicação- em grande escala sendo acessível aos indivíduos para além da localização geográfica e temporal como também tornando-as mercadorias. A vista disso, o autor reforça que os meios de comunicação, a mídia, não apresentam apenas a dimensão técnica, pois o seu desenvolvimento nada mais é do que "uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais, a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si." (THOMPSON, 2002, p. 1), de modo que também não pode ser compreendida se não for contextualizada socialmente, uma vez que se trata de um fenômeno social.

Neste ínterim, a mídia enquanto fenômeno social e forma de comunicação, foi e ainda é constituída a partir dos objetivos dos indivíduos constituídos em uma determinada particularidade histórica, que a produziram, a pensaram e a pensam. Isto revela que seu desenvolvimento não se dá em um vazio sem intenções, condições e circunstâncias sociais que estão relacionadas aos recursos que cada indivíduo possui para afirmar sua posição social, estando bastante ligada aos poderes econômicos, políticos, coercitivos e simbólicos que possuem (THOMPSON, 2002).

Neste processo de produção e difusão é feito o uso de determinados materiais para dar forma a atividade simbólica, ou seja, tornar palpável a informação e o conteúdo simbólico para que assim possa ocorrer sua transmissão de um sujeito para outro. Assim, objetos como folhas de papel, lápis, lousa, aparelho de som, instrumento musical até órgãos e os sentidos humanos são meios técnicos pelos quais se pode ter acesso à essa produção (THOMPSON, 2002). Esses meios são o que permitem a reprodução de determinados valores, crenças, o que para o autor ganhou maior força com o desenvolvimento dos sistemas de escrita, e hoje em dia observamos, com a invenção e propagação de meios de comunicação mais tecnológicos e digitais, como, por exemplo, a televisão, cinema, rádio, internet, redes sociais, plataformas de música e streaming, dentre outros.

Ademais, os meios técnicos que são empregados, possibilitam que se tenha um distanciamento espaço temporal no intercâmbio simbólico uma vez que pode ser produzida em determinado contexto e ser reproduzida em outro. Por exemplo, pode-se ter acesso a livros que foram escritos no século XIX graças à impressão. Essa alteração nas condições de espaço e tempo ganharam ainda mais força com o desenvolvimento da tecnologia da telecomunicação

no século XIX e repercute nas condições dos indivíduos de interagirem, intervir, agir à distância, segundo Thompson (2002). Estes percebem que podem se comunicar de maneira mais fluída e rápida, já não é necessário esperar pela entrega de cartas que demoravam, em alguns casos, meses, basta uma ligação agora que se tem o telefone, por exemplo. Desse modo, ampliam-se as possibilidades que os indivíduos possuem de interagirem uns com os outros, de se socializarem

> Ao alterar as condições espaço-temporais da comunicação, o uso dos meios técnicos também altera as condições de espaço e de tempo sob as quais os indivíduos exercem o poder: tornam-se capazes de agir e interagir à distância; podem intervir e influenciar no curso dos acontecimentos mais distantes no espaço e no tempo. O uso dos meios técnicos dá aos indivíduos novas maneiras de organizar e controlar o espaço e o tempo, e novas maneiras de usar o tempo e o espaço para os próprios fins. O desenvolvimento de novos meios técnicos pode também aprofundar o impacto com que os indivíduos experimentam as dimensões de espaço e de tempo da vida social (THOMPSON, 2002, p. 6).

Assim, o desenvolvimento e aprimoramento das técnicas como meios de transmissão da cultura juntamente com as transformações e ideais presentes no modo de produção da sociedade moderna, permitiram a possibilidade da mercantilização dessas formas simbólicas, e de maneira mais geral, a mercantilização da cultura, pois ao mesmo tempo aumentou-se a capacidade de controle da produção e reprodução desta (THOMPSON, 2002). No mais, os avanços dos meios técnicos de comunicação e de produção levaram a constituição de uma comunicação de massa.

O desenvolvimento da comunicação de massa para Adorno e Horkheimer (2002) possui um grande impacto sobre a cultura, bem como nas ideologias presentes nas sociedades moderna, uma vez que a cultura enquanto instrumento assegura “formas de controle das concepções sociais e das ideologias estruturadas na sociedade capitalista” (COSTA, PALHETA, MENDES e LOUREIRO, 2003, p. 1) e também as desenvolve.

Os autores realizam a discussão acerca da temática a partir do conceito de indústria cultural que trata-se do conjunto dos meios de comunicação tais como rádio, cinema, televisão, jornais, revistas e demais meios, que formam um sistema para geração de lucro através da mercantilização da cultura, e por terem a característica de estarem mais próximos à massa conseguem exercer uma manipulação e controle social (COSTA, PALHETA, MENDES e LOUREIRO, 2003). Como vem sendo discutido, o processo de construção desse meio de comunicação está atrelado às particularidades do sistema social da modernidade, e mais especificamente ao modo de produção presente na sociedade moderna que visa obstinadamente

ao lucro e emprego de técnicas para alcançar os objetivos. Desse modo, de acordo com Adorno e Horkheimer (2002), a indústria cultural que surge nos países industriais liberais, sendo nestes mesmos locais que ocorreu o triunfo de seus principais meios, comporta a dimensão da racionalidade instrumental presente no modo de produção da sociedade moderna e, consequentemente, nas instituições desta.

Essa sociedade industrial segundo Costa, Palheta, Mendes e Loureiro (2003) se caracteriza por três elementos principais que se relacionam e se ramificam em outros: "a aplicação de conhecimentos científicos e tecnológicos às técnicas da produção; grande investimento de capital fixo em instalações e maquinários; produção em larga escala" (p. 4). Tais elementos se fazem presentes em todo processo produtivo da modernidade de maneira que a própria indústria cultural contém em seu cerne, o emprego de técnicas e racionalização para produzir seus produtos, nos quais a importância é a estatística de consumidores desses produtos e não seu conteúdo em si. Desse modo, a indústria cultural visa a produção de materiais culturais que um grande quantitativo de pessoas irá consumir.

O que decorre, portanto, e que foi observado pelos autores é a interferência da indústria na esfera cultural, os sujeitos não participam desses produtos culturais como também são excluídos do processo de produção cultural, estes apenas têm a possibilidade de consumir tais produtos que são feitos em larga escala, pois ao passo que a lógica de produção e lucro adentram na cultura tornando-a uma mercadoria, toda a produção cultural é mecânica e de ordem industrial (COSTA, PALHETA, MENDES e LOUREIRO, 2003; VIANA, 2004).

Neste sentido, todos os produtos culturais que essa indústria produz, sejam filmes, músicas, programas de rádio e outros, apresentam a mesma racionalidade técnica de uma padronização industrial feita em série, afinal é necessário atender à uma numerosa demanda que ela própria não só constrói, ao apresentar as necessidades como tais, como também se apresenta como o lócus passível de satisfazer estas demandas (ADORNO e HORKHEIMER, 2002; COSTA, PALHETA, MENDES e LOUREIRO, 2003; VIANA, 2004). Nesse processo, os indivíduos além de serem excluídos têm suas necessidades tidas como todas iguais, sendo igualmente tolhidas suas preferências, são levados a permanecerem em uma constante busca de satisfação das necessidades que lhe são impostas através desses meios de comunicação, pois estas nunca podem ser completamente satisfeitas para que assim o indivíduo continue consumindo. Ou seja, criam-se produtos idênticos que apenas ilusoriamente, através das

técnicas empregadas, apresentam-se como novos e são levados novamente ao indivíduo como se refletissem uma necessidade dele.

Assim, instaurando seu poder técnico e criando as necessidades e objetos que podem suprir estas, a indústria ganha força aumentando ainda mais suas condições de implementação ao redor do mundo (COSTA, PALHETA, MENDES e LOUREIRO, 2003). Ao encontro do poder que essa indústria consolida, Kehl (2004), ao discutir sobre a sociedade do espetáculo como estágio mais avançado da sociedade de massa que Adorno e Horkheimer discutem acerca da indústria cultural, traz que o avanço dos meios de comunicação, sobretudo da televisão através do "aperfeiçoamento técnico" (p. 44), buscam traduzir a vida em imagem, ampliando-se de forma grandiosa, passando a abarcar todas as dimensões da vida social.

De tal modo, à medida que a indústria transforma a cultura em mercadoria e a técnica subjaz toda a produção, bem como a vida social, o caráter crítico se perde, bem como a possibilidade de uma experiência autêntica segundo os autores, pois os seus produtos são formulados a ponto de que não haja espaço para que os sujeitos utilizem de suas capacidades de imaginação e do pensamento para complementar ou ir além do que está sendo retratado nos filmes ou comerciais, por exemplo. Ora, tal processo de impedimento do pensamento é tanto consequência dessa produção como planejado por ela, pois as regras e leis de rapidez, fluidez e de novidade aos quais todos os meios de comunicação estão submetidos nesta indústria são formuladas justamente para que o sujeito mantenha a atenção nas imagens que lhe são direcionadas, e não cogite em mudar o que está consumindo (KEHL, 2004; ADORNO e HORKHEIMER, 2002).

> O espectador não deve trabalhar com a própria cabeça; o produto prescreve qualquer reação: não pelo seu contexto objetivo - que desaparece tão logo se dirige à faculdade pensante - mas por meio de sinais. Toda conexão lógica que exija alento intelectual é escrupulosamente evitada. Os desenvolvimentos devem irromper em qualquer parte possível da situação precedente, e não da ideia do todo (ADORNO E HORKHEIMER, 2002, p. 12)

Assim, a padronização e racionalização presentes nas formas culturais provindas da indústria de entretenimento, bem como a velocidade com que as imagens passam, enfraquecem a capacidade do indivíduo de pensar e agir de maneira crítica e autônoma, ao passo que os sujeitos não "se apoiam sobre suas faculdades de julgamento (pensamento), resolução (agir conforme o desejo) e senso moral (suportar a castração)" justamente por não serem necessárias (KEHL, 2004, p. 52; ADORNO E HORKHEIMER, 2002; COSTA, PALHETA, MENDES e

LOUREIRO, 2003). E tendo em vista que a mídia passa a envolver a diversas dimensões da vida social, estando presente nas diversas instâncias da sociedade moderna que ao ocupar o espaço público subtrai o espaço de construção de discursos, dúvidas e trocas, de modo que o sujeito também não se sustenta sobre os laços sociais que o conecta à história da sociedade em qual vive, não compartilhando das experiências que a compõe (KEHL, 2004).

Destituído da capacidade de reflexão e distanciado dos laços que o faz compreender e se ver como parte de um grupo, de uma história, o sujeito na modernidade se vê ainda mais sozinho e busca por algo que lhe proporcione algum nível de segurança diante do isolamento no qual se encontra. E se as imagens midiáticas ganham um lugar de destaque e de fácil acesso, o sujeito moderno encontra nestes a possibilidade de refúgio.

A televisão, as plataformas de *streamings*, as redes sociais, filmes, séries e etc, ganharam além de espaço, uma significância para a vida na modernidade, a técnica empregada em seus produtos reduz a tensão que existe entre a imagem e a vida cotidiana e seus efeitos impressionantes que seduzem o sujeito, convidam-o para usufruir do tempo de lazer que possui através da diversão que tem a oferecer (ADORNO e HORKHEIMER, 2002; COSTA, PALHETA, MENDES e LOUREIRO, 2003). Uma diversão que não é preciso esforço físico e/ou mental, apenas se acomodar, prometendo que o permitirá se distanciar e esquecer das atividades laborais que exerce diariamente enquanto a consome e que após estarem "revigorados" possam voltar novamente ao trabalho, a vida real. Desse modo, a diversão significa a ausência de reflexão sobre qualquer coisa, e ao ser tida assim, poderíamos fazer alusão à momentos muito recorrentes no dia a dia no qual os sujeitos, após um dia exaustivo, ao chegarem em casa buscam relaxar através de vídeos curtos nas redes sociais, de filmes, séries, músicas programas televisivos como novelas, programas de auditório e etc.

Contudo, mesmo na procura de satisfação e de diversão em seu tempo livre, o sujeito não deixa de estar sendo bombardeado por produtos disfarçados de cultura, segundo Adorno e Horkheimer (2003), uma vez que esta, ao perder seu sentido, ter seu valor de uso substituído pelo valor de troca, é difundida pela publicidade que por sua vez possui aspecto essencial em todo processo da indústria cultural, dado que apresenta um caráter de sedução de compra e venda dos produtos para além da mera estimulação da compra (COSTA, PALHETA, MENDES e LOUREIRO, 2003).

Ou seja, a publicidade não serve apenas para convencer o indivíduo a comprar um carro, um eletrodoméstico de determinada marca porque este tem as mais avançadas tecnologias,

sendo melhor do que outro; hoje a publicidade é utilizada para junto aos produtos vender ideais, sonhos, atitudes e valores (KEHL, 2004). No mais, a publicidade oferece e vende a ideia de que somos livres para escolher quaisquer produtos que nos apresentam através dos diversos símbolos que utiliza para representar o cotidiano por meio do mundo idealizado que constrói (COSTA, PALHETA, MENDES e LOUREIRO, 2003), de modo que se não consumimos os produtos propriamente ditos, consumimos o desejo de um dia possuí-los (KEHL, 2004).

Frente a isso percebe-se que na indústria cultural, de entretenimento, atravessada e construída pela lógica do capital, instrumental e tecnicista, o sujeito não existe, como aponta Adorno e Horkheimer (2003) visto que é reduzido a mero objeto e material estatístico, um consumidor como qualquer outro, um ser genérico que deve ser ao mesmo tempo igual a todo mundo e mesmo assim ninguém. Ou seja, o indivíduo nessa sociedade é reduzido a um quantitativo de pessoas que não se distinguem e que buscam realizar suas finalidades privadas que os tornam iguais (KEHL, 2004)

> Perdido de suas referências simbólicas, desgarrado da comunidade de seus semelhantes- que se reduziu a uma massa indiferenciada de pessoas perseguindo, uma a uma, seus "fins privados" - o indivíduo, sob o capitalismo tardio, ficou a mercê das imagens que o representam para si mesmo (KEHL, 2004, p. 48-49).

Ao passo que isso ocorre, mais o sujeito é convocado a consumir esses produtos vazios e quanto mais consome e se identifica com essas imagens, mais é afastado de si mesmo, ou seja, de compreender sua existência e seus desejos, visto que ao respondê-la, a indústria cultural oferece uma subjetividade produzida em série e espetacularizada, permeada por uma lógica instrumental e do capital, que distancia os sujeitos de suas próprias produções subjetivas uma vez que as próprias relações dos indivíduos também são permeadas por estas (KEHL, 2004; ADORNO e HORKHEIMER, 2002). Uma subjetividade que é permeada por uma construção humana, a racionalidade instrumental, mas que ao mesmo tempo é afastada das construções históricas humanas, isto é, da compreensão do fator humano na construção do mundo e das relações, do sujeito como produtor da história.

Para mais, a indústria cultural não só reduz os indivíduos, como também exclui aqueles que não se adaptam à ela. Por um lado, temos o exemplo do próprio artista que para tentar manter-se no mercado de trabalho e conseguir renda precisa estar de acordo com os ditames dessa indústria, assim, sua obra arte perde a expressão de singularidade de quem a criou e ganha função objetiva (KEHL, 2004). E por outro lado, quem é aquela pessoa que nos dias atuais não

utiliza de nenhum meio de comunicação, de entretenimento, que não busca estar informado sobre tudo que acontece no mundo e mostrar sua vida através de fotos e vídeos para desconhecidos, se não um antiquado, alguém ultrapassado? É como se essa indústria se estabelecesse de tal modo na vida social que parece tornar-se um dos pilares da existência humana. Não por acaso as mídias que foram sendo desenvolvidas ao longo dos anos, desde a sociedade de massa à sociedade do espetáculo, se presentificam diariamente na vida dos sujeitos nos mais diversos espaços, desde a família ao trabalho.

Assim, a sociedade contemporânea passa a ser regulada principalmente pela imagem, pelo espetáculo, e não apenas pela política ou pela religião tal como fora em outras épocas, afinal estas também passam a ser difundidas pela lógica espetacular. Desse modo, o impacto midiático que determinados eventos possuem através das imagens que os representam, são mais importantes do que as consequências que ele teria ou o próprio significado na história dos homens, da humanidade (KEHL, 2004). Assim, o espaço da política de acordo com a autora é substituído pela "visibilidade instantânea do show e da publicidade" (KEHL, 2004, p. 143), uma vez que a exibição dessas imagens é mais importante do que a participação ativa na sociedade através de ações ou discursos. Por fim, podemos compreender o porquê de em determinados momentos, seja durante uma confraternização no almoço ou jantar, em um show, em uma viagem, os sujeitos estão mais preocupados em gravar o que estão realizando do que de fato estarem experienciado o momento.

Neste sentido, indo de acordo com a hipótese de Guy Debord de que a presença constante dos meios de comunicação na vida dos sujeitos altera a relação entre o público e o privado, invertendo-as, Kehl (2004) tece a tese de que o modo pelo qual o sujeito coloca à prova sua existência, ou seja, testa que existe a partir do olhar que o outro dirige à ele no espaço público, também se altera. A autora parte do princípio de que a máxima "Penso, logo existo" não assegura ao sujeito que ele existe e que se diferencie dos demais uma vez que o ato de pensar é um diálogo interno que mesmo incluindo o outro que coloque dúvidas, opiniões e contestações não é a garantia de uma existência individual.

Assim, segundo a autora, o pensamento distingue a espécie humana das demais, mas provém da capacidade de identificação a uma imagem corporal, a garantia de uma existência, ou seja, é através do olhar que é dirigido ao sujeito que este ganha a certeza de ser alguém "Antes de saber que pensa, o filhote de homem já "sabe" que existe, a partir do olhar que o outro dirige à sua imagem (...) O que garante o ser, para um sujeito, é sua visibilidade- para

outro sujeito.” (KEHL, 2004, p. 148). É esse Outro, instância simbólica e pública que pode ser representado por qualquer figura que medeia o sujeito e o espaço social, a testemunha de que “Eu sou. Eu existo”

> O Outro em psicanálise é testemunha da visibilidade do sujeito, portanto de sua existência presentificada em uma imagem: à posição do sujeito na imagem, chamamos Eu Ideal. O outro é também portador imaginário de uma esperança que sustenta o sujeito no fio do tempo: a de que ele estará mais perto do Eu Ideal quanto mais se parecer consigo mesmo. Ou melhor: quanto mais se parecer com aquele que ele supõe que o Outro veja. (KEHL, 2004, p. 149)

Assim, existir nada mais é do que apresentar a imagem de si mesmo para o Outro no espaço público. Contudo, de acordo com a autora, nessa sociedade esse espaço é substituído e não apenas ocupado pelos meios de comunicação, e em especial a televisão, presentes vinte e quatro horas por dia nos lares e em outros locais pelos quais o sujeito realiza alguma atividade, fornecendo uma chuva torrencial de imagens, uma atrás da outra, que obedecem as regras dessa indústria, construindo um espaço de visibilidade à parte. Bem como chega a ocupar o lugar imaginário do Outro, que medeia a relação entre o indivíduo e a sociedade, através das mensagens e imagens que reproduz, oferecendo estas à identificação (KEHL, 2004).

Neste ínterim a televisão representa a possibilidade de visibilidade que os sujeitos necessitam, bem como dita, através das imagens que transmite, ideais, valores, comportamentos, aparência que esses sujeitos devem seguir para que se tornem dignos de tal espaço (KEHL, 2004). Atualmente, isso se expande com as redes sociais, por exemplo, que permite aos indivíduos um acesso ainda mais facilitado aos seus conteúdos, bem como aderir a esses ideais através de suas próprias postagens de fotos, vídeos, discursos de seu dia a dia. Ademais, a própria aparição através desses meios torna-se uma profissão almejada por muitos sujeitos que procuram por diversos modos conseguir um espaço nessa indústria. A mídia hoje permite que você seja um famoso ao passo que produz conteúdo para ela. Assim, percebe-se que a própria indústria cultural formata os sonhos dos sujeitos, desde possuir determinado produto, estilo de vida ao desejo de ser esteticamente e socialmente tal como é necessário para ter aparição garantida (KEHL, 2004).

Percebe-se que na modernidade a mídia, fruto da indústria cultural, possui demasiada notoriedade na vida dos sujeitos, não apenas apresentando os produtos que a indústria constrói como a necessidade do sujeito, bem como tornando-se algo que garante ao sujeito existir nesta sociedade ao consumir estes produtos. De tal modo, através das mídias que ocupam o espaço

“de negociações horizontais, das trocas de ideias, das composições de discursos coletivos (KEHL, 2004, p. 153), o sujeito passa a ser permeado pela racionalidade técnica da indústria conforme busca as mercadorias criadas por esta para satisfazer sua necessidade. Desse modo, por meio da lógica do espetáculo- de gozar dos objetos que o mercado oferece para satisfazer as necessidades- e da lógica de difusão de imagens, a indústria cultural oferta uma identificação ilusória, falsa, uma vez que afastado de si e fragilizado enquanto sujeito crítico, este é levado a assimilar e repetir os objetos que chegam até ele como promessa de felicidade e visibilidade em busca da satisfação das necessidades que a própria indústria cultural gera, de um ideal de vida espetacular (KEHL, 2004).

Assim, o indivíduo se identifica com imagens que refletem a lógica mercadológica sem a possibilidade de questionar se o desejo por determinado produto é de fato seu, negando sua interioridade de tal maneira que a identidade construída é aos moldes da indústria, não havendo uma garantia de singularidade real. Portanto, o sujeito não mais se identifica com o Outro da cultura e do social, mas sim com Outro da lógica instrumental

> Se a publicidade, a telenovela, o jornalismo/espetáculo e o cinema de massas dirigem-se permanentemente a um sujeito que deve ser “todo mundo” e não é particularmente ninguém; se a imagem capaz de convocar a multidão de homens genéricos é a imagem mais abrangente, e portanto mais vazia possível; se o gozo dessa imagem vazia é elevado à condição de experiência subjetiva (e de experiência estética) para o sujeitos da sociedade do espetáculo; se, finalmente, a eficácia dessa experiência depende do apagamento de todas as outras dimensões da vida que não caibam no puro tempo presente do acontecimento como *aparecimento*; então, só a imagem do corpo próprio- tornado o mais parecido possível com um corpo Outro, sem história, sem sofrimento e sem falhas- pode servir de suporte para a construção de uma ilusão de identidade para os sujeitos da sociedade do espetáculo (KEHL, 2004, p. 159).

Por conseguinte, nota-se que a indústria cultural se monopoliza mundialmente e todos os seus meios de disseminação ganham notoriedade na vida sujeitos ao passo que é desenvolvido e aprimorado aparelhos eletrônicos que prometem facilitar o dia a dia do sujeito bem como proporcionar uma distração e diversão. Desse modo, as mídias adentram cada vez mais nos diversos âmbitos da vida do indivíduo na sociedade contemporânea, trazendo consigo um ar de revolucionário e moderno, de modo que constrói ideais e valores que ditam que quem a consome também o são. Contudo, o processo de constituição dessas mídias, bem como a sua disseminação, comporta aspectos de uma lógica instrumental que, ao adentrarem nos espaços de vivência humana, de constituição de sujeitos, repercute nas experiências que o sujeito vem a ter, inclusive acerca de si mesmo. Por conseguinte, quanto mais se aproxima da vida dos

sujeitos, mais ela tende a comportar-se como uma instância que também forma mesmo que através de deformações.

CAPÍTULO 3
ADOLESCÊNCIA E MÍDIAS: REPERCUSSÕES NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO ADOLESCENTE

Tornar-se sujeito é um processo que se relaciona e depende do encontro com o outro que oferece um olhar, linguagem, símbolos e afeto para além do suporte das necessidades biológicas básicas que um ser humano requer. Contudo, esse encontro não ocorre em um espaço vazio, mas em condições históricas, culturais e sociais que estão presentes em determinada sociedade e em determinado momento na história. Isto é, as relações que se estabelecem nesses encontros entre dois ou mais indivíduos sempre são atravessadas pelos aspectos societários que constituem a estrutura social de determinada sociedade, e que se fazem presentes nas instâncias de socialização através das quais os sujeitos se constituem. Desse modo, as lógicas produtivas, bem como o modo que se vê e compreende o indivíduo, o mundo, a produção e as relações existentes entre estes, repercutem no processo de socialização do indivíduo e nos modos de subjetivação.

Na modernidade, as instâncias de socialização e logo a constituição do sujeito apresentam particularidades que se relacionam às especificidades sociais presentes nesta época que tangenciam as mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais que essa sociedade comporta. E para mais, esse período moderno compreende novos modos de comunicação que são criados e produzidos através de uma lógica mercadológica e pragmática que transforma a cultura em uma mercadoria, que ao ser consumida e/ou idealizada pelos sujeitos, os afetam em âmbito objetivo e subjetivo, atravessando as relações entre os indivíduos e entre estes e o mundo.

Desse modo, as mídias através das técnicas e lógicas empregadas na produção destas, ganham notoriedade na vida privada e pública dos sujeitos, estando presente nos lugares onde são estabelecidos encontros. Seu atravessamento em diversas instâncias de socialização, bem como sua constituição enquanto uma dessas instâncias, implica em novos modos de constituição do sujeito ao passo que como reprodutora da lógica instrumental e mercadológica não vende apenas produtos, mas também ideais.

Por se tratar de algo relativamente novo, há aqueles que possuem maior familiaridade e aproximação com as mídias, haja vista seu crescimento junto a ampliação destas na sociedade, tal como é o caso dos adolescentes. Estes nascem em um mundo social que já comporta o

atravessamento da lógica racional e pragmática nas instâncias de socialização, como também a presença constante das mídias nestas. Por conseguinte, frente a tais transformações e ampliação das mídias, faz-se necessário que se discuta as repercussões dos novos modos e possibilidades de socialização com as quais os adolescentes se deparam.

Dentre diversas teorias e modos de compreensão acerca da adolescência, a mais recorrente é a referência a esta como uma fase da vida que inicia-se a partir da puberdade, apresentando mudanças biológicas e físicas decorrentes de alterações fisiológicas, bem como mudanças psicológicas e sociais em consequência das modificações corporais desse sujeito. Tangenciando também as mudanças de comportamentos e relações sociais. Nesse sentido, muitos autores discutem que nesse período da adolescência ocorre uma crise identitária em decorrência do adolescente não reconhecer a si mesmo na imagem que vê frente ao espelho, devido ao ganho de peso, altura, aumento de pêlos no corpo, novas sensações e etc. Nesta forma de compreensão, o biológico e o físico são tomados como o cerne do que viria a ser a adolescência e de suas vicissitudes.

Para mais, ao ser tida como uma fase da vida, é comum que se estabeleça uma faixa etária na qual ocorreria, assim para alguns autores e algumas definições, o período da adolescência abrangeria a faixa etária entre 12 a 18 anos, como é o caso do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), enquanto para outros corresponde às idades de 10 a 19 anos. Contudo, ao ter como delimitação uma idade cronológica ou o marco fisiológico- a puberdade-, muitas vezes, ficam excluídas outras determinações culturais e sociais, por exemplo, decisivas na compreensão acerca do que é a adolescência em seu percurso de constituição.

Desse modo, na perspectiva acima, a adolescência é concebida como um período transitório que não possui relações com o mundo que o cerca no que diz respeito às contradições presentes dentro de uma sociedade, ocorrendo à parte de um contexto histórico cultural e social que traz perspectivas, ideologias e modos de ser e viver particulares ao período que se encontra. Contudo, na perspectiva adotada neste trabalho, referenciada por outros autores, a própria noção de adolescência é forjada dentro de um bojo social, ou seja, trata-se de um conceito intrinsecamente relacionado a história social de uma sociedade em determinado contexto político, econômico, social e cultural e, portanto, não pode ser discutida e tratada sem levar em consideração as contradições que permeiam a própria noção de adolescência.

Como traz Calligaris (2000), retomando as escritas de Philippe Ariés, a ideia de adolescência só aparece na modernidade ao passo que também surge a concepção de infância,

de modo que nos séculos anteriores ao XVIII era muito comum, por exemplo, que aos quinze anos de idade o sujeito fosse a batalhas, comandasse exércitos, trabalhasse junto a família no campo ou construísse a sua própria família. Assim, não existia a concepção de adolescência tal como concebemos na sociedade moderna, como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta.[3]

O sentimento de infância, parte das transformações societárias ocorridas no período de transição do mundo feudal para o mundo industrial moderno, o qual implicou em importantes revoluções em diferentes países, sobretudo da Europa, mas que repercutiram no ocidente como um todo, tais como a Revolução Industrial Inglesa e a Revolução Francesa. Estas revoluções, bem como as transformações que acarretaram nos diferentes aspectos da sociedade, estão relacionadas aos processos de laicização e racionalização advindos com o pensamento iluminista do século XVIII, que promoveram um novo olhar sob o sujeito, a produção e a vida ao discorrer e difundir ideais de emancipação e de liberdade (SILVA, 2018).

Estes ideais foram fundamentais para a constituição do mundo moderno e contemporâneo, influenciando nas mudanças de um sistema mercantilista e absolutista para um sistema liberal, bem como em uma ruptura entre o Estado e a Igreja. De tal modo, ao defender a liberdade econômica, do indivíduo e do conhecimento- que era monopolizado pela Igreja-, o Iluminismo promoveu importantes desdobramentos nas concepções de que o homem deve ser livre para optar por aquilo que deseja, seja em questões religiosas ou de posição social. Ao mesmo tempo que defendendo o livre mercado disseminou a ideia de que este indivíduo deve ser livre para realizar as trocas e consumir o que almeja. Assim, é constituído um ideal de liberdade individual que influencia na maneira pela qual as relações sociais se dão na modernidade, como também o modo que os sujeitos passam a ser vistos e se vêem. Esses desenvolvimentos históricos são fundamentais em suas repercussões no surgimento do sentimento de infância e posteriormente no surgimento da concepção de adolescência.

A experiência do morrer, por exemplo, anterior a estes desenvolvimentos históricos e ao próprio Iluminismo, era experienciado enquanto coletividade, ou seja, por mais que a morte de um indivíduo pertencente a determinada comunidade fosse algo triste, a comunidade como um todo possuía meios e fins para sua continuidade (CALLIGARIS, 2000). Desse modo, o

[3] Contudo, aqui há de se fazer um adendo haja vista que mesmo nos dias atuais, sobretudo em países subdesenvolvidos e nas classes sociais mais baixas, seja possível encontrar jovens e até mesmo crianças trabalhando em condições precárias e ilegais para ajudar na renda familiar; também havendo muitos casos de gravidez na adolescência.

coletivo possuía maior relevância no processo de viver e morrer, de ser humano. Contudo, com a abertura da sociedade tradicional para o individualismo, o indivíduo passa a cada vez mais a viver e experienciar a vida desvinculada dessa ideia do coletivo, que o leva a experienciar a finitude e a morte como algo individual, que passam a ser significadas e simbolizadas através da história do sujeito, não sendo passível de ser tomado por um significado maior compartilhado pela comunidade, tal como outrora. Assim, a morte passa a ser compreendida como o fim de uma existência em perspectiva individual, no qual morre o sujeito e seus sonhos.

Concomitantemente, dá-se início a um processo no qual o sujeito constitui-se a partir da perspectiva de que sua vida e suas conquistas dependem unicamente de si mesmo, e que o coletivo, o social poderia atrapalhar sua ascensão social, ou também, eventualmente, possibilitar a ascensão social, o que é reforçado pela noção de liberdade individual que sugere e julga o indivíduo enquanto o único responsável por suas ações e conquistas. O sujeito então se aproxima cada vez mais de si e se afasta da comunidade, para que possa então buscar o alcance do que deseja, que no mais é repassado aos seus descendentes que podem manter vivo esses sonhos.

Portanto, a partir do rompimento com o sobrenatural e divino como detentor da verdade e do destino, como visto anteriormente, e dos ideais de liberdade provindos do Iluminismo e de seus desdobramentos, o sujeito moderno se viu como o senhor de sua vida, ou seja, o detentor do poder e o responsável pelas conquistas que enquanto promessa o levariam a obter o sucesso e prosperidade almejada. Deste modo, ao passo que o individualismo adentra nas diferentes esferas sociais da sociedade, ele traz consigo a ideia de ascensão social, o que até então, na sociedade tradicional[4], era algo que não poderia acontecer, pois as condições sociais e respectivas funções de cada um já estavam estabelecidas de acordo com a família na qual o sujeito nascesse (CALLIGARIS, 2000).

Assim, em uma relação dialética, o ideal de liberdade e de ascensão social se imprimem e se fortalecem, tendo em vista que os indivíduos poderiam vir a ser e exercer a função que desejassem, bem como obter uma condição de vida melhor do que sua família possuía (CALLIGARIS, 2000). Contudo, para que o sujeito desejasse determinada posição social ou bens materiais seria necessário que estivesse insatisfeito com as condições nas quais se encontrava, como também seria preciso que houvessem outras pessoas que, em condições sociais diferentes, pudessem, mesmo que ao avesso, imprimir o desejo de ascensão social.

[4] Em Calligaris (2000) sociedade tradicional refere-se a qualquer composição societária não moderna.

No entanto, essa insatisfação com o que possui e com o que se é, e que levaria o sujeito a almejar a possibilidade de obter por si mesmo outras condições sociais ou bens materiais, trata-se não apenas de algo suscitado pelo modo de produção capitalista, embora neste modo de produção esse ideal seja naturalizado. A finitude do sujeito, representada pela experiência do desamparo humano e a busca por algo que poderia vir, segundo Freud (1930), a ocupar esse espaço de uma falta que impulsione à transformação relaciona-se igualmente à própria constituição do sujeito para a psicanálise. Isto é, o sujeito busca incessantemente por uma experiência que outrora vivenciou como satisfação, procurando por uma satisfação nunca completamente realizada. Contudo, o ideal de completude é ilusório, tendo em vista que o desejo é de satisfação e não de realização, embora a própria sociedade capitalista opere buscando manter a ilusão de realização e plenitude.

Apesar de que a ideia de plenitude e realização fundamente-se nesta sociedade na manutenção de uma ilusão, o sujeito permanece almejando e procurando por esse ideal, buscando a satisfação de um desejo como promessa de realização pessoal. Na atualidade, com a promessa de um objeto que oferte essa satisfação total de acordo com a ciência, tomada como sinônimo de tecnologia, que produz e vende esses objetos, o indivíduo é poupado do trabalho de pensamento de fabricá-los e compreendê-los (JERUSALINSKY, 2004), podendo vir inclusive a compreender o que há de irrealizável na dimensão desejante.

A mídia possui fundamental papel nisto. Com sua ampliação e disseminação passa a imprimir esse desejo, difundindo e vendendo ideais para além dos produtos em si. Ou seja, ao mesmo tempo que vende um carro moderno, também vende o ideal de possuí-lo. Exibe aos sujeitos não apenas o carro enquanto objeto, mas também a imagem que o sujeito representaria perante aos outros e a sensação de ter tal objeto. Assim, as mídias passam a apresentar aos sujeitos a necessidade e seus respectivos objetos de satisfação ao passo que ocupa uma posição na relação entre o indivíduo e o social.

Frente às novas composições da sociedade moderna e seus respectivos ideais, o sujeito se vê diante de um futuro inscrito no consumo, conforme Jerusalinsky (2004), na ilusão de que depende de si próprio, isto é, a realização de suas ambições depende exclusivamente de seu trabalho, dado que as condições para conquistar algo aparentemente estão postas objetivamente, de modo que podem sonhar e desejar qualquer objeto.

Porém, ao mesmo tempo que o ideal de liberdade aparentemente oferece ao indivíduo a possibilidade de tudo ter e ser, por outro lado, essa liberdade, por ser aparente, também promove

sofrimento. Pois ao estar livre, e a liberdade constituir-se vinculada ao ideal de realização individual, também coloca em cena a realidade de tudo que alcançar, ou não, é exclusivamente relacionado ao indivíduo, de tal modo que sua suposta "falha social" apenas lhe diz respeito. Assim, a ideia de ascensão social e de liberdade fez com que a família enquanto instituição social se voltasse para si e sobretudo para as crianças, despendendo mais afeto a estas ao passo que as crianças passaram a ser vistas como aquelas que poderiam vir a realizar os sonhos que os pais não puderam, ou conquistar uma vida diferente da que estes tiveram, bem como seriam as responsáveis em dar continuidade a linhagem familiar (CALLIGARIS, 2000). Assim, neste momento que a criança passa a ter uma visibilidade associada ao futuro, a infância surge como um tempo de vida distinto da vida adulta.

Todavia, os anos passam e com elas as feições, comportamentos e pensamentos que remetem à imagem da criança se transformam e dão espaço à uma imagem que mais alude à imagem de um adulto. Assim, segundo Calligaris (2000), há um afastamento do prazer estético[5] que a infância trazia aos adultos que se soma aos encargos de conquistar tudo aquilo que os adultos não conseguiram, de modo que emerge a concepção de adolescência "(...) parecem cada vez mais com os adultos, pelo tamanho, pela maturação de seus corpos e pelas exigências de sua felicidade e de seus prazeres, que não são mais brinquedos e historinhas, mas, por exemplo, sexo e dinheiro" (CALLIGARIS, 2000, p. 68).

A adolescência surge, então, como uma extensão da infância que ainda permitiria aos adultos enquanto pais, contemplarem seus antigos e atualizados ideais de plenitude e realização com resquício de felicidade, ao projetarem nesses jovens a realização de seus desejos reprimidos, que os permitiriam ser felizes se não possuíssem as responsabilidades da vida adulta (CALLIGARIS, 2000). Porém, contraditoriamente, de acordo com o autor, diferente das crianças, os adolescentes possuem mais obrigações, responsabilidades e deveres uma vez que parecem fisicamente com os adultos e estão mais próximos de obrigações que estes possuem. Assim, mantém-se na relação com os adolescentes uma certa contradição: um certo nível de proteção, mas também a demanda da responsabilidade exigida deles, aumentando também

[5] Segundo Calligaris (2000) o prazer estético que as crianças proporcionam aos adultos relaciona-se a imagem de felicidade e inocência que a infância culturalmente carrega, se apresentando como um objeto de contemplação para a sociedade. A infância remonta, então, um bálsamo no qual os adultos encontram sentido e esperança para a vida: "Para seus pais e os adultos em geral, elas são a consolação e a esperança. Graças a elas, os adultos estendem o sentido e a expectativa de suas vidas para além do limite estreito de sua sobrevivência individual. Graças a elas, a insatisfação própria do sujeito moderno se torna suportável (...) preenche a função cultural de tornar a modernidade suportável." (CALLIGARIS, 2000, p. 65).

idealmente exigências que, posteriormente, levará o jovem adulto a dar continuidade ao ideal de realização dos planos e sonhos dos pais.

Este modo paradoxal de agir com o adolescente apresenta-se de modo a garantir idealmente nos pais uma continuidade da contemplação da criança existente neles mesmos que, neste momento, tangencia um possível ideal identificatório no qual, de acordo com Calligaris (2000), o adulto se vê na imagem do adolescente gozando de desejos que ele supõe um dia ter tido. Assim, na medida em que o adolescente se parece fisicamente com um adulto, ele oferta características comportamentais, de estilo visual e de falas que os adultos podem desejar a ter e ser, pois os adolescentes seriam apenas "adultos de férias, sem lei" (CALLIGARIS, 2000, p. 69). Os adultos encontram nestes jovens adolescentes um prazer que diferencia-se do que era ofertado pelas crianças, permite um prazer menos utópico ao possuir uma imagem mais praticável, uma vez que se tem a possibilidade de imitá-los.

> Os adolescentes ideais têm corpos que reconhecemos como parecidos com os nossos em suas formas e seus gozos, prazeres iguais aos nossos e, ao mesmo tempo, graças à mágica da infância estendida até eles, são ou deveriam ser felizes numa hipotética suspensão das obrigações, das dificuldades e das responsabilidades da vida adulta (CALLIGARIS, 2000, p. 69).

Ao se criar uma contemplação no sentido de querer ser tal como um adolescente, a adolescência se torna um ideal do adulto que se dá junto à uma cultura do imediatismo na sociedade moderna, pois enquanto o olhar de esperança voltava-se para a criança, era necessário uma espera demasiadamente longa para que o que permanecesse faltando aos pais fosse realizado pelos filhos, ao passo que com a ideia de adolescência, recria-se a manutenção do ideal dos desejos do adulto, que se atualizam com a ideia de adolescência (CALLIGARIS, 2000).

Ao mesmo tempo em que a adolescência revela-se como a manutenção do ideal dos desejos dos adultos, revelando algo sobre esse desejo de imortalidade, esse ideal também é construído, comercializado e fomentado pelas mídias através de filmes, séries, videoclipes, livros e etc, que produzem e reproduzem tal imagem ideal de adolescência e/ou juventude para ser consumida como cultura das massas. Assim, apesar dos aspectos comportamentais e de vestimentas, de modo geral, serem representações de um grupo coeso, no caso dos adolescentes, estes aspectos também tratariam-se de produtos já pensados pela indústria (ADORNO e HORKHEIMER, 2002; CALLIGARIS, 2000).

Assim, nessa perspectiva, o que parece ser produzido pelo próprio indivíduo e pelo próprio grupo, fruto da sua própria individualidade e da identidade do grupo ao qual pertence, seriam em certo sentido, ideais produzidos também culturalmente como forma de manutenção da ilusão acerca daquilo que seria coeso e estável em um determinado grupo, o que acabaria velando as contradições presentes no ideal de adolescência, tanto os ideais de completude veiculado pelos pais, como também os ideais de que essa seria uma fase isenta de contradições, de estabilidade e de conflitos.

No mais, o próprio adolescente consome esses produtos que são vendidos pela indústria cultural como forma de se inserir no campo social. Pois, a formação e procura de grupos pelo adolescente se dá pela busca de um reconhecimento que lhe falta na relação com os adultos em sua vida, uma vez que o olhar que lhe é dirigido pelos pais, por exemplo, muda junto às transformações físicas, do mesmo modo que o próprio adolescente não se reconhece na imagem que aparece no espelho (CALLIGARIS, 2000). Assim, ao perder um olhar afetuoso e lugar de amor incondicional, o adolescente se vê a mercê de algo que lhe possa confirmar sua existência, levando-o a reconhecer-se enquanto um sujeito em suas contradições. Mas, para além disso, essa busca de algo e/ou alguém que possa afirmar sua existência e reconhecê-lo enquanto um sujeito, relaciona-se igualmente ao que Calligaris (2000) denomina de moratória.

Este período característico da adolescência, para Calligaris (2000), é fruto de uma indefinição do que é necessário para considerar alguém como um adulto na cultura moderna. Assim, seria um tempo no qual o adolescente- que não é considerado mais como criança devido às semelhanças corporais com um adulto, mas que ao mesmo tempo também não é visto como um adulto por não apresentar maturidade suficiente- passa aprendendo algo que lhe falta até estar pronto para adentrar na vida adulta. Porém, esse período é permeado por contradições presentes também no próprio adulto, uma vez que será exigido do adolescente certos deveres e responsabilidades que, enquanto criança, não possuía, e ao mesmo tempo será negado uma autonomia e independência para decidir e realizar assuntos de seu interesse, mesmo que isto seja algo fortemente idealizado pela sociedade moderna e logo pelas instâncias de socialização (CALLIGARIS, 2000).

No mais, a adolescência, ao ser idealizada na sociedade como um todo, sendo retratada como uma época bela e sem conflitos, esta mesma sociedade exige que os adolescentes sejam felizes uma vez que a adolescência é um ideal a ser seguido (CALLIGARIS, 2000). Os conflitos e questões identitárias que afligem o sujeito, além do próprio período que se prolonga até ser

considerado adulto, parece ser esquecido por estes. Algo que também repercute em seu sofrimento, ao passo que a sociedade parece zombar dele.

Por conseguinte, percebe-se que a adolescência é um período permeado por contradições e por conflitos, tendo em vista que mesmo sendo fonte de um ideal identificatório vendido para todos na sociedade, é um momento no qual o sujeito não possui um reconhecimento e um espaço no laço social. E na busca destes espaços se depara com questões paradoxais do que esperam dele e de quem é. No mais, este adolescente se encontra em um corpo com mudanças visíveis para todos, e que alteram suas antigas relações sociais, ao passo que também possui dificuldades de encontrar nestas modificações algo que possa ajudar na elaboração dessa nova imagem que vê e das novas imposições que lhe são dadas no campo social.

Neste sentido, Rosa e Carmo- Huerta (2020), discutem que a adolescência é um momento em que ocorre um despertar[6], uma vez que esse sujeito é questionado por vários acontecimentos desnorteados para os quais a construção do eu e os apoios estabelecidos ao longo da infância não são suficientes para que esse sujeito consiga se posicionar frente a eles, bem como formular uma resposta. Assim, o adolescente se vendo desprovido de uma imagem de si, ao mesmo tempo, coloca em questão a imagem de seus pais, buscando por alguma outra referência que possa orientá-lo no laço social (ROSA e CARMO HUERTA, 2020).

Desta maneira, para as autoras, a adolescência exige um enorme trabalho psíquico que tangencia questões da existência, da sexualidade, da morte e do próprio laço social, sendo um trabalho necessário para que o sujeito ocupe uma determinada posição quanto "a sustentação da sua singularidade e sua diferença; o modo de laço que estabelecerá com a alteridade, particularmente com o Outro sexo; e quanto ao lugar que ocupará no laço social" (ROSA e CARMO HUERTA, 2020, p. 6). Uma vez que esse adolescente se encontra com uma imagem de si fragilizada, até mesmo destituído desta, segundo as autoras é preciso que procure produzir novamente uma nova imagem de si, como também busque estabelecer um lugar próprio no campo social, "ter e elaborar experiências como outro, com o outro, percorrer fronteiras entre o eu e o outro, entre culturas, lugares sociais distintos, lidar com os excessos e inibições, constrangimentos, estranhamentos, sintomas" (ROSA e CARMO HUERTA, 2020, p. 10). Tal produção não ocorrerá de um dia para o outro e também não sucederá de maneira linear,

[6] As autoras referem-se ao despertar tal como pensado pela psicanálise "como uma inversão de seu sentido habitual no qual o acordar seria equivalente a saída do estado de inércia e alienação para retornar ao estado de vigília e de consciência" (ROSA e CARMO HUERTA, 2020, p. 8)

podendo haver avanços e retrocessos. Nesse processo de constituição subjetiva, o Outro social possui uma função fundamental, uma vez que pode ajudar durante essa passagem na simbolização do excesso do real.

> O que resta para o adolescente é, no (des) encontro entre o real pulsional e a cena política, a experimentação e inventar-se, o que inclui o equívoco, o erro. Inventar-se de modo a situar-se em uma narrativa ficcional que o norteie, só possível se houver um mínimo amparo simbólico do Outro. Cabe ao outro social interpelar e acompanhar o adolescente em sua construção singular, a fim de que ele se permita, por um lado, um exercício de sua erótica e, por outro, afirmar-se em um laço discursivo em que possa, ao contar sua própria história, também narrar a história de seu tempo, a contrapelo da história oficial, iluminando o escuro dos laços em jogo. (ROSA e CARMO HUERTA, 2020, p. 13)

É um trabalho psíquico, subjetivo e relacional ativado pelo desamparo e pela angústia decorrentes das transformações que permeiam o adolescente, desde a mudança física às mudanças sociais, de tal modo que esse despertar relaciona-se às condições históricas, sociais e culturais circundantes ao adolescente (ROSA e CARMO HUERTA, 2020). Assim, de acordo com as autoras, o despertar e a própria adolescência possuem uma relação com o contexto social e com a intensidade dos acontecimentos desnorteadores presentes nas interações discursivas e pulsionais, de tal modo que não existe apenas uma adolescência, como também esta não existe sem contexto, classe social, gênero e raça (ROSA e CARMO HUERTA, 2020). Assim o adolescer na contemporaneidade se diferencia de como esta se dava em outros períodos.

De acordo com Birman (2008), na atualidade, os adolescentes e jovens adultos possuem dificuldades para se inserirem no campo social e obter reconhecimento de sua potência devido às transformações no mundo do trabalho e com o advento da globalização da economia construída pelo discurso neoliberal. Estas não apenas implicaram na expansão das empresas transnacionais ao redor do mundo, mas também elevou a taxa de desemprego em nível mundial e suscitou a competição entre os trabalhadores, fragilizando as relações entres estes. Para mais, as exigências do mercado de trabalho e sua constante transformação que exige do trabalhador adaptabilidade a diferentes funções, retira uma garantia de estabilidade ao mesmo tempo que apresenta um novo modo de relação com o registro do espaço e tempo, de acordo com Birman (2008). Neste sentido, o autor discute que a adolescência tende a se prolongar, concomitantemente ao seu início cada vez mais cedo, devido às imposições de performances feitas às crianças.

Frente a essa falta de reconhecimento que se prolonga e a dificuldade de conquistar seu espaço no laço social, o adolescente busca constituir simulacros de potência e obter o olhar do outro por caminhos laterais ao da virilização e inflação muscular, segundo Birman (2008). Isto é, o jovem na atualidade busca através da exibição de sua força- brigas, musculação, assassinatos, acidentes de trânsito e etc-, adquirir um respeito ao mesmo tempo que busca provocar o medo no outro. Assim, a força é tida como uma maneira desse adolescente aceder para alguma forma de visibilidade no campo social, adquirindo assim alguma certeza acerca de sua existência (BIRMAN, 2008). A força, portanto, se destaca como modo de ser da juventude de hoje, segundo o autor

> O que estaria em pauta, assim, é uma caricatura da potência, que se evidenciaria pelos signos corporais, sejam estes a força ou a musculatura. Com efeito, tais signos passam a se destacar e a se avolumar excessivamente no imaginário juvenil, de forma a se impor inequivocamente como formas de ser e de existir, marcando o seu ethos e seu pathos de maneira indelével, configurando formas fundamentais de subjetivação da juventude na contemporaneidade (BIRMAN, 2008, p. 4).

Segundo Jerusalinsky (2004) a sociedade contemporânea apresenta certas características que se qualificam como "debilitamento do laço social" (p. 2) devido às transformações socioculturais e políticas econômicas que colocam no centro da cena social o objeto e não o semelhante. De modo que, segundo o autor, o problema psicopatológico das grandes cidades refere-se à solidão, à medida que o sujeito persegue constantemente um objeto produzido e permeado por uma lógica instrumental que afasta os sujeitos do laço social. Ocorrendo ainda uma banalização da vida em decorrência do desaparecimento da cultura épica no qual se perde o valor das coisas e do ato da vida, havendo um estado de indiferença (JERUSALINSKY, 2004).

Frente à isso, Jerusalinsky (2004) discorre que o que se sucede é a dissolução da historicidade do sujeito uma vez que a banalização da vida e a exacerbação do individualismo dispensa qualquer sabedoria, até mesmo a de valorizar o que constitui a essência dos laços sociais, bastando apenas conhecimentos técnicos para se orientar no mundo e na vida. Desse modo, os problemas que os adolescentes enfrentam na sociedade contemporânea diferem-se de um período anterior, pois trata-se de "um problema de extensão do tempo, por causa da urgência; de contração do discurso, pelo *fading* do Outro Social; de fragilidade do simbólico, devido à substituição do semelhante pelo objeto; e da falcatrua do poder, como consequência da supressão do saber em nome de uma técnica" (JERUSALINSKY, 2004, p. 4).

Tais problemáticas são reflexos das transformações sociais próprias do mundo moderno e por conseguinte das instâncias de socialização pelas quais os sujeitos passam frente a lógica instrumental, do consumo e do neoliberalismo, que estão cada vez mais presentes no dia a dia do sujeito desde a mais tenra idade. Assim, o mal estar existente hoje e os sintomas apresentados pelos jovens contemporâneos são próprios dessa sociedade permeada por contradições e pelas mudanças que os ideais de liberdade individual, de mercado, ascensão social, de completude promovem no laço social. Os quais, muitas vezes, são difundidos através daquilo que mais caracteriza o mundo contemporâneo, as mídias digitais.

No mesmo sentido, as diversas tecnologias existentes na contemporaneidade não apenas atravessam, como também marcam a constituição desses laços sociais, de modo que transforma a maneira pela qual o sujeito se relaciona consigo mesmo, com o mundo, com o tempo e com o discurso, "a internet transformou a forma de se relacionar, porque ela tem efeito nos modos discursivos de representarmos nossa experiência de viver" (JERUSALINSKY, 2017, p. 17). Afinal, qualquer tecnologia possui a capacidade de mudar o modo de olhar para o mundo, de se comportar nele e de existir. Por exemplo, a criação das rodas permitiu que a locomoção do homem se desse de forma mais rápida, a invenção do telefone permitiu a aproximação e comunicação mais rápida com outros sujeitos que estão mais distantes. Assim, de acordo com Dunker (2017), ao ainda estar sendo cada vez mais implementada, a mídia por meio da vida digital traz transformações que requerem mudanças no cuidado e na educação dado que ela pode favorecer ou intensificar disposições já existentes.

O excesso sensorial que satura o sistema perceptivo do sujeito com inúmeras imagens em um intervalo de tempo curto, com textos curtos e grande número de mensagens e informações, alteram o modo pelo qual o sujeito se relaciona com a dimensão do espaço tempo (JERUSALINSKY, 2017). De tal modo, observa-se a urgência que os jovens, como também os adultos, possuem de estarem sempre informados do que está acontecendo no meio em que eles frequentam e acessam, ou seja, de saberem os pormenores da vida de alguém que seguem nas redes sociais, de informar sobre a sua, de ter ciência do que está acontecendo no mundo, de estarem em dia com os ditames da moda.

O tempo se torna um valor nessa sociedade (DUNKER, 2017), e se faz necessário estar em constante estado de alerta para que não esteja atrasado em relação aos acontecimentos que se sucedem minuto após minuto, de modo que o ontem já é considerado um dia longínquo. Assim, o tempo necessário para a elaboração dos acontecimentos e da própria constituição da

memória é fragilizado, perdido, tomado por esse excesso de imagens e informações que mal se consolidam na história do sujeito (JERUSALINSKY, 2017). Do mesmo modo, esse fluxo ininterrupto de informações e imagens não permitem que esse adolescente constitua a reflexão para distinguir o que é próprio de seu desejo e o que não é, fomentando ainda mais o consumo.

Essa urgência também se apresenta nas relações entre os sujeitos onde a aclamação por respostas imediatas se expressam, segundo a autora, de tal modo que se o receptor não responde em questões de minutos é porque não possui interesses e/ou amor por aquele que o procura, havendo também a suposição de que é esse outro que sempre deve tomar a iniciativa. Tais aspectos caracterizam o que Dunker (2017) denomina de Superoferta de presença, no qual há uma ligação extrema com a presença do outro através da oferta de imagens, e pelo isolamento e redução do laço social.

Isto é, por meio da vida digital se tem a ilusão de que nunca está só, havendo a crença de que esse outro sempre está disponível para atender e entreter, de tal modo que induz a angústia de desaparição se esse outro não tem nada a oferecer. Assim, ocorre uma mudança na estrutura da demanda que interfere na aprendizagem de atitudes como receber, dar e pedir, uma vez que a oferta é constante. Desta maneira, o tempo de espera, importante para o sujeito elaborar e lidar com a frustração, bem como se interessar pelo outro, é preenchido por esses estímulos visuais. Todo o tempo do sujeito é preenchido por algo, ocupado, não há mais uma situação de espera segundo o autor.

Assim a importância que o tempo possui hoje acrescido da velocidade com que a imagem chega ao sujeito coloca em questão a possibilidade de pensamento do sujeito, de modo que ao também fornecer uma gama ampla de informações a um clique de distância, a construção inventiva e a criatividade tornam-se cada vez mais fragilizadas no mundo contemporâneo dado que a resposta para quaisquer perguntas está no Senhor *Google* (JERUSALINSKY, 2017). Torna-se cada vez mais raro o jovem buscar conhecer o mundo que o cerca, tirar as dúvidas quanto a como realizar determinada ação com alguém próximo a ele que já passou pela mesma situação, pois existem diversas comunidades virtuais, *blogs*, vídeos e tutoriais para se buscar a informação desejada, que está ali de forma mais direta.

De tal modo, com o uso frequente e má utilização desses meios, acrescido de um afastamento da busca do conhecimento mediado por um outro sujeito, ocorre uma transmissão anônima e não mediada que por fim esvazia a importância do contar e dar conta do que é vivido, segundo Jerusalinsky (2017). Aumenta a imensidão de plataformas que comportam a

informação e o saber sobre algo, mas diminui os encontros com o outro com o qual pode se singularizar ao passo que descobre o mundo, “evidenciam-se aqui dispositivos por meio dos quais o sujeito contemporâneo perde o lugar necessário para a produção de um saber que lhe diga respeito dentro da cena vivida e, assim, é expropriado de sua experiência” (JERUSALINSKY, 2017, p. 28). Assim, a internet distancia os sujeitos como aqueles que poderiam compartilhar algum conhecimento ou como alguém passível de inscrever uma diferenciação nessa relação, no qual se faz necessário uma presença ativa.

Na relação com a mídia o sujeito se apresenta de forma passiva uma vez que aquela não requer obrigatoriamente que o sujeito responda, assim de acordo com Mendes (2020) tem-se a possibilidade de que se constitua sujeitos mal instalados no discurso, sem referências simbólicas de pessoas, tempo e lugar. E embora o espetáculo com narrativas complexas e variadas que é apresentado ao adolescente sejam fascinantes devido às técnicas empregadas em sua produção, adequando-se como objeto de identificação e idealização, a mídia nem sempre oferece de fato uma condição para que seja construída uma singularidade e pessoalidade necessárias no processo de transferência.

De tal modo, segundo Dunker (2017), pode haver um déficit narrativo na construção da intimidade desse sujeito em que o adolescente pode ter dificuldade em assumir subjetivamente a sua nova imagem- exposta ao olhar do outro- ao se deparar com as incertezas de quem se é. Pois se encontra imerso em uma imensidão de imagens de um ideal perfeito que é retratado e vendido por estas mídias que lhe servem como referência para a construção de sua imagem na busca pelo reconhecimento e espaço no laço social. Assim, o adolescente tende a tentar atingir os ideais que são impostos e vendidos pela indústria midiática e construir sua imagem a partir destas, tendo como orientação o discurso neoliberal e do consumo que atravessam estes produtos e as demais instâncias de socialização.

As mídias, então, se apresentam como um lócus no qual o adolescente pode encontrar referências para a constituição de sua identidade na medida em que na sociedade contemporânea a imagem ganha maior credibilidade ao passo que é através dela que a sociedade passa a ser regulada na modernidade. Assim, o aparecer ganha notoriedade e o limiar entre o público e o privado parecem se inverter.

Se observa que a vida digital por meio das redes sociais aumenta a exposição da vida privada ao serem postados recortes das experiências e vivências desse sujeito, desde fotos a textos curtos com limites de caracteres. No qual, esses recortes e a própria manipulação das

imagens e falas apresentadas neste ambiente são modos para se garantir uma entrada e permanência nesse mundo virtual, e no laço social, no qual a imagem possui maior credibilidade.

E se o que aparece é bom e o que é bom aparece (KEHL, 2004), nestas redes sociais se tem a possibilidade do sujeito criar a imagem de si e da vida que leva da maneira que deseja, recortando as partes que quer mostrar ao outro, garantindo seu reconhecimento e espaço nessa sociedade do espetáculo. Assim, o sujeito pode controlar a maneira pela qual quer ser reconhecido, por quem e quando, o que segundo Dunker (2017) pode implicar na modificação da própria impressão do sujeito acerca de si.

Isto é, diante das imagens perfeitas da vida de outras pessoas que chegam ao sujeito, este pode se colocar em uma posição de comparação para com a sua própria, a qual é vista como simplificada e reduzida de imagens boas o suficiente para aparecerem. Ademais, frente à constante renovação dos ideais de vida difundidos e dos padrões sociais, o adolescente também se depara com a dificuldade de manter-se de acordo com o que é considerado belo e do que é garantia de visibilidade nessa sociedade, se encontrando em um mundo no qual ocorre uma hipertrofia das expectativas narcísicas de reconhecimento (DUNKER, 2017).

Assim, nessa sociedade regulada pela imagem, a maneira pela qual o adolescente pode vir a conquistar o olhar do outro perpassa as redes sociais e é perpassada por esta. Neste sentido, precisa criar e recriar sua própria imagem de acordo com os padrões e ideais que consome na mídia e apresentá-la por meio desse mundo digital. Nesta busca, o sujeito grava a si mesmo em diversas ocasiões, bem como aquilo que está consumindo para que possa ser alvo de alguns segundos de fama, ocorrendo uma hiperexposição de si mesmo de acordo com Jerusalinsky e Dunker (2017).

Portanto, com as transformações do mundo contemporâneo e o advento das mídias, a vida dos sujeitos, por intermédio dos meios digitais, tem sido caracterizada pelo aumento da velocidade nas demandas, trocas e facilidades de acesso à informação e superficialidade do contato interpessoal que podem influir na subjetividade do sujeito de modo negativo quando há um excesso de uso e consumo dessas mídias (DUNKER, 2017). Além de promoverem uma mudança na estrutura da demanda do desejo, que sobrepondo o que é agradável ao que é desejável, de tal modo, cria um novo modo pelo qual o sujeito lida com aquilo que é da ordem irrealizável do desejo, o que abriria espaço para a falta.

Assim, observa-se que as mídias tornam-se tanto aquilo que causam a decepção como também a via para lidar com esta, segundo Dunker (2017). Além de que pode levar o adolescente à dificuldade de narrar suas experiências e até mesmo vivenciá-las, e ter dificuldade para se ver como parte de um todo maior, como alguém que faz e constrói a história, tendo em vista que "A benéfica confusão transitiva entre atividade e passividade, experimentação das relações de posse, uso e propriedade, assim como compartilhamento contínuo de projetos futuros e histórias passadas, podem ser evitados com os recursos digitais" (DUNKER, 2017, p. 13).

Assim, ao passo que a mídia ocupa o lugar do outro na relação social e apresenta uma oferta constante de imagens fascinantes que reproduzem a lógica do consumo neoliberal, ela promove o incentivo de consumo de si mesma, formando consumidores exigentes que creem ter a razão de tudo e que na relação com o outros apenas têm o dever se agradado por este (DUNKER, 2017). Pois são estes os discursos que o adolescente contemporâneo se depara ao buscar algo que possa orientá-lo no laço social na busca do reconhecimento. Assim, o adolescente utiliza das imagens e ideais que lhe são vendidos para se inscrever no laço social que na sociedade atual- organizada e fundamentada por estas lógicas- vende o ideal ilusório de completude por meio de objetos que a ciência produz, que negam a falta como algo constitutivo do homem e como algo que liga o sujeito ao laço social (SANTOS, 2021).

Desse modo, modificado este espaço de simbolização e elaboração, visto que as mídias ocupam o lugar do Outro na sociedade contemporânea sobrepondo a imagem em detrimento do pensamento ao preencher o espaço do tempo de reflexão, o adolescente se vê diante de uma sociedade que o ensina através da lógica do consumo, que passa a guiá-lo no social. E desprovido de referências simbólicas e de pessoas, encontra nos objetos e imagens que lhe são vendidos a orientação para a construção de si, aprendendo a experienciar a vida e narrar sobre si a partir do que consome. Ao mesmo tempo que se afasta do outro que lhe ajude na inscrição da diferença. Por conseguinte, observa-se que na contemporaneidade o adolescente encontra como referência para conseguir lidar e realizar o trabalho psíquico que lhe é exigido o objeto e não o semelhante, de tal modo que a constituição de sua subjetividade volta-se para uma subjetividade constituída aos moldes da lógica neoliberal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão realizada ao longo do desenvolvimento deste trabalho foi possível observar a importância que as mídias apresentam para os indivíduos na atualidade ao estarem presentes nas diversas áreas da vida desses sujeitos e em quaisquer idades, denotam e referem-se ao processo de constituição dessa forma de socialização no mundo contemporâneo a partir das transformações nos âmbitos políticos, sociais, econômicos e culturais da sociedade advindos de um projeto que visava guiar a humanidade à razão e à emancipação do homem ainda no século XIX.

A partir deste projeto amplo e libertário que, contraditoriamente, constituiu-se hegemonicamente pautado na racionalização, individualismo e universalismo, acrescido dos ideais de ascensão social, independência, lucro e competitividade, a modernidade se constituiu como um produto cumulativo de racionalização no qual a técnica e a ciência se apresentam como alicerce da produção, caracterizando-se como os conhecimentos fundamentais para que se tenha uma boa funcionalidade e eficácia nessa sociedade. Havendo ainda a promessa de progresso, mas que não necessariamente se concretiza: aumenta a capacidade de produção, mas ainda há pessoas que vivem na pobreza; aumenta o número de escolas, mas ainda há aqueles que não têm acesso a ela; produz um enorme quantitativo de alimentos, mas ainda existem aqueles que não têm o que comer. A realidade escancara os paradoxos dessa sociedade.

De tal modo, o espaço que a mídia passa a ocupar na vida social por ora se apresenta como uma consequência dos processos de mercantilização da vida, da cultura bem como da transformação das relações afetivas em relações de troca, e ora como um projeto para a perpetuação e manutenção da lógica mercadológica na dimensão subjetiva dos indivíduos. Pois, tendo em vista a fragilização da dimensão afetiva e da autoridade da família, que proporcionam a possibilidade de singularização e diferenciação, acrescido da redução da função social da escola à um objeto a ser consumido, é desmantelada a possibilidade de constituição de sujeitos críticos, autônomos, cientes de sua posição no lado social e de sua relação com a totalidade. Possibilidade estas que permitiriam o questionamento acerca das contradições existentes na sociedade em que vivem e ciência do modo de produção que os guiam no laço social, podendo por vez negarem a este.

Assim, pôde-se observar que na contemporaneidade as instâncias de socialização se encontram permeadas pelos ideais e pelas lógicas advindas do mercado, ao passo que foram

sendo transformadas em suas estruturas em relação às novas condições sociais, econômicas e políticas postas.

A ascensão de um novo modo de produção e a expansão do mercado internacional construíram novas demandas que não só atingiram a composição da família e a estrutura libidinal presente nesta como também demandou mão de obra qualificada para atender as exigências desse mercado. Assim, conforme visto, a modernidade trouxe novos ideais que aos poucos foram adentrando na estrutura da família e na escola, que passam a formar os sujeitos para viverem em mundo fundamentado na lógica do consumo, lucro e competitividade.

Ainda assim a modernidade se constitui também sobre uma promessa de esclarecimento, de acesso à verdade e ao conhecimento, e mesmo que não se efetive, a possibilidade de crítica e elucidação desse processo de instrumentalização da vida social se encontram no processo formativo dos sujeitos. Com muita luta e resistência, são os espaços formativos dos sujeitos, mesmo que fragilizados, que possibilitam a reflexão crítica sobre estas condições ao abrirem espaço para o questionamento e posicionamento contrário.

Além disso, frente a essa lógica e ao aprimoramento das técnicas de produção e reprodução, a própria cultura foi transformada em mercadoria nessa sociedade. Passando a ser produzida em larga escala através das técnicas presentes nas indústrias e pela lógica publicitária que seduz os sujeitos através do bombardeamento de imagens espetaculares que não só prometem diversão, mas também vendem ideais de vida e sonhos, sendo disseminada sobretudo através das mídias.

De tal modo através desse produto disfarçado de cultura, a indústria cultural apresenta as necessidades e os respectivos objetos de satisfação para estas que são introjetadas nos sujeitos através da lógica do consumo presentes nos produtos dessa indústria. Assim, conforme a indústria dita as necessidades dos sujeitos e aperfeiçoa suas técnicas de modo a perpetuar-se no laço social reproduzindo e vendendo os mesmos ideais de sucesso e independência já presentes nas outras instâncias, ela se expande e passa ocupar um importante espaço no laço social.

A mídia, deste modo, aparece como um lócus de socialização que permite fomentar ainda mais esse processo de constituição de indivíduos tal como os ditames do mercado requerem. Sendo importante frisar que sua função na sociedade moderna atravessa e por vezes substitui as funções das demais instâncias de socialização. Assim, como discutido, na atualidade, a mídia possui uma presença constante que não só inverte a relação público e privado, mas que subtrai o espaço de construção de discursos, dúvidas e trocas dos sujeitos,

ocupando então o espaço público. A imagem espetacular difundida por essa lógica industrial passa a regular essa sociedade e logo a vida, levando os sujeitos a crerem na máxima de que o que é bom aparece e o que é aparece é bom, apresentado por Kehl (2004), de modo que até mesmo a garantia de existência perpassa essa instância. Isto é, o sujeito existe conforme consome os produtos e ideais que lhe são oferecidos como objetos de identificação, a garantia de uma visibilidade.

Dado o poder que passa a ter na vida social, as mídias possuem um importante papel na construção da imagem influenciando os adolescentes por meio de produtos e seus ideais que são vendidos como algo que garante a visibilidade e o sucesso. Contudo, a todo momento são criados e renovados esses objetos e padrões a serem seguidos. Desse modo, para manter uma garantia de visibilidade, o sujeito tem como possibilidade controlar a maneira pela qual quer ser reconhecido, manipulando as imagens.

Neste ínterim percebeu-se que a mídia, em conjunto com as transformações sociais, passa a transformar a maneira pela qual o sujeito se relaciona com outro no campo social. Sua constante oferta de imagens oferece uma falsa sensação de companhia que o faz ter uma ligação extrema com a presença do outro através das imagens que sempre devem estar de prontidão para atender. O que também modifica a sua percepção e relação com o tempo, surgindo uma urgência de resposta que quando não é dada é vista como desinteresse, desamor. Ademais, o excesso de imagens e informações a um clique de distância ocupam o espaço de tempo necessário para a própria elaboração dos acontecimentos, da criatividade e da reflexão, de modo que mal se consolidam na memória e na história do sujeito. Assim, ao ter tudo pronto à sua frente, desde o desejo ao saber sobre determinado assunto, o sujeito expropria-se da experiência, pois não é necessário a busca e a construção.

Pôde-se então constatar que é nesta conjuntura que a adolescência na contemporaneidade, tomada tantas vezes como um período livre de conflitos, ao ser vista como um ideal a ser seguidos pelos adultos nessa sociedade, encontra como discurso a lógica neoliberal e as mídias para guiá-lo no processo de construção da imagem de si mesmo e na busca de um lugar no laço social. De tal modo, é levado a consumir e identificar-se com essas imagens para que possa obter o reconhecimento que lhe falta e o olhar que outrora lhe era direcionado. Contudo, tratam-se de objetos de identificação produzidos pela indústria que reproduzem os mesmos ideais de consumo, independência e sucesso que as instâncias de

socialização em que se encontra lhe apresentam, de modo a constituir através de seu processo de socialização uma subjetividade consumista e individualista.

Por fim, neste presente trabalho também foi possível elucidar a relevância em manter em evidência a discussão acerca das contradições presentes na sociedade contemporânea, haja vista que mesmo com as promessas de liberdade, de ascensão social, de progresso e de tempo livre com os aprimoramentos tecnológicos, os sujeitos se encontram cada vez mais submetidos às regras e leis do mercado, com escassez de tempo e relações sociais fragilizadas. Deste modo, por mais que alguns avanços técnicos tenham sido apresentados através de invenções que permitem o deslocamento mais rápido, interação instantânea e acesso a informação mais rápido, por outro lado os sujeitos se encontram cada vez mais isolados em seus *smartphones* se afastando do outro que por vezes se encontra ao seu lado.

No mais, apesar da imensidão de produtos que prometem a felicidade e completude, ainda assim há altos índices de depressão e de tentativas de suicídio, de tal modo que se tem estabelecido novos sofrimentos psíquicos. Assim a realidade evidencia que não necessariamente houve um avanço nas relações humanas e que mesmo que se apresente tecnologias e avanços científicos ainda assim há algo que suscita mal estar.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade. São Paulo: Schwarcz, 1986.

BIRMAN, Joel. Laços e deslances na contemporaneidade. Jornal de Psicanálise, São Paulo, v. 40, n. 72, p. 47-62, 2007. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352007000100004 > Acesso em: 16 jun. 2022.

BIRMAN, Joel. Adolescência sem fim? Peripecias do sujeito num mundo pós edipiano. CARDOSO, M. R. e MARTY, F. (Orgs). Destinos da adolescência. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, pág. 81-105.

CALLIGARIS, Contardo. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000.

COÊLHO, Ildeu Moreira. Escritos sobre o sentido da escola: uma introdução. In: COÊLHO, Ildeu Moreira (Org.) Escritos sobre o sentido da escola. Campinas; Mercado de letras, 2013, p. 15-34.

COÊLHO, Ildeu Moreira. Qual o sentido da escola?. In: COÊLHO, Ildeu Moreira (Org.) Escritos sobre o sentido da escola. Campinas; Mercado de letras, 2013, p. 59-86.

COSTA, A. C. S.; PALHETA, A. N. A. A.; MENDES, A. M. P.; LOUREIRO, A. S. Indústria cultural: revisando Adorno e Horkheimer. **Movendo Idéias**, Belém, v. 8, n. 13, p.13-22, 2003

DUNKER, C. L. I. Intoxicação digital infantil. *In*: BAPTISTA, A; JERUSALINSKY, J (Orgs.). Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma Psicanálise, 2017, p. 117-145.

ELIAS, Nobert. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Joger Zahar, 1994.

FURTADO, Rita Márcia Magalhães. O sentido da escola no contexto educacional contemporâneo. In: COÊLHO, Ildeu Moreira (Org.) Escritos sobre o sentido da escola. Campinas; Mercado de letras, 2013, p. 209-226.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Família. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. (Orgs.). Temas básicos da sociologia. São Paulo: Cultrix, 1956, p. 132-151.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa (Orgs.). Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 169-214.

JERUSALINSKY, Alfredo. Adolescência e contemporaneidade. In: Conselho regional de Psicologia 7ª Região. Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade. Porto Alegre: Libretos, 2004.

JERUSALINSKY, J. Que rede nos sustenta no balanço da web?- o sujeito na era das relações virtuais. *In*: BAPTISTA, A; JERUSALINSKY, J. Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma Psicanálise, 2017, p.13-38.

KEHL, M. R. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, E.; KEHL, M. R. (Orgs.). Videologias. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 43-62.

KEHL, M. R. Visibilidade e espetáculo. In: BUCCI, E.; KEHL, M. R. (Orgs.). Videologias. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 141-161.

MACEDO, Kátia Barbosa. O desamparo do indivíduo na modernidade. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 2, n. 1, p. 94-107, 2012. Disponível em:<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/742> Acesso em: 14 set. 2022

MENDES, E. D. Impasses na Constituição do Sujeito causados pelas Tecnologias Digitais. ***Revista Subjetividades***, v. 20, n. esp 2, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e8984>. Acesso em 02. dez. 2022.

MIRANDA, M. G. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. *In*: LANE, S. T. M; CODO, W. Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 125-135.

RESENDE, A. C. A. A escola e a constituição do sujeito. In: COÊLHO, Ildeu Moreira (Org.) Escritos sobre o sentido da escola. Campinas; Mercado de letras, 2013, p. 139-154

ROSA, M. D; CARMO-HUERTA, V. O que resta da adolescência: despertar nas fronteiras e nos fronts. **Estilos clin.,** São Paulo, v. 25, n. 1, p. 5-20, 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415712820200001000002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 dez. 2022.

ROUANET, Sergio Paulo. Entre a modernidade dos homens e a modernidade das tribos. In: ROUANET, S. P. (Orgs.). Interrogações. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003, p. 9- 38.

SANTOS, A. J. Adolescência. *In*: SANTOS, A. J. (org). Adolescência e a constituição do sujeito. Goiânia: Cegraf UFG, 2021, p. 89-129.

SILVA, Odair Vieira. As grandes revoluções do século XVIII e o Iluminismo. **Revista Científica Eletrônica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da FAEF**, São Paulo, n. 30, 2018, p.1-9. Disponível em:< http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/2nwjMOpLyWln7m3_2018-10-6-10-38-31.pdf> Acesso em: 30 jan. 2023.

SOARES, Samara Souza Diniz; CÂMARA, Gislene Clemente Vilela. Tecnologia e subjetividade: impactos do uso do celular no cotidiano de adolescentes. **Pretextos - Revista da**

Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 1, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em:<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13619> Acesso em 29 jan 2023.

THOMPSON, J. B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002.

VIANA, Nildo. Reflexões sobre a indústria cultural. **Humanidades Em Foco**, Goiânia, v. 2, n. 3, 2004, p. 1-7. Disponível em: <https://www.monografias.com/pt/trabalhos914/reflexoes-industria-cultural/reflexoes-industria-cultural.shtml> Acesso em: 15 set. 2022.